Caminhos na

Cidade Baixa

UFRGS
FABICO

Caminhos na Cidade Baixa

Flávia Simões
Gabriel Centeno
Grégorie Garighan
João Pedro Rodrigues
Laura Fassina
Lucas Vieira
Luísa Teixeira
Maria Eduarda Welter
Mariel Silva Lahorgue
Mateus Trespach Rolim
Rodrigo Fernandez

UFRGS
FABICO

FLÁVIA
jornalismo e cultura
FABICO | UFRGS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Comunicação
Curso de Jornalismo
Disciplina Jornalismo e Cultura

Supervisão editorial *Professoras Cida Golin e Ana Gruszynski*
Edição de texto *Cida Golin*
Projeto gráfico e diagramação *Ana Gruszynski*
Revisão *Os autores*
Fotografia *Flávia Simões (p. 29), Grégorie Garighan (p. 17, 65 e 155), Laura Fassina (p. 95 e 121), Lucas Vieira (p. 53 e 61), Luísa Teixeira (p. 11, 43, 99 e 131), Maria Eduarda Welter (p. 38, 76, 82, 107, 113 e 149), Mariel Lahorgue (p. 48 e 141) Mateus Trespach Rolim (p. 21)*

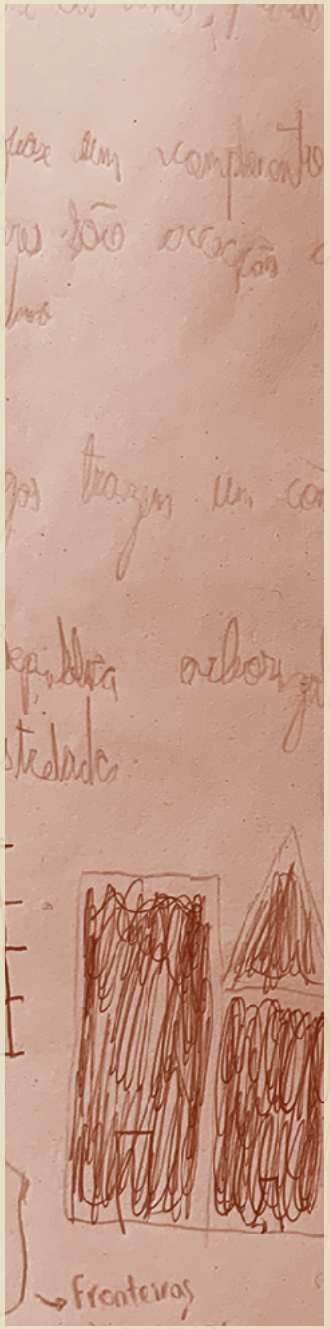
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BIBLIOTECA

C183 Caminhos na Cidade Baixa [recurso eletrônico] / Flávia Simões... [et al.]; Supervisão editorial Cida Golin e Ana Gruszynski. – Porto Alegre : Fabico, UFRGS, 2022.
p. : il.

ISBN 978-65-5973-167-1

1.Jornalismo – Crônica. 2. Memória coletiva. 3. Porto Alegre (RS). I. Simões, Flávia. II. Golin, Cida. (Org). III. Gruszynski, Ana Claudia. (Org.)

CDU: 070.431


Fronteiras

Sumário

Apresentação | 8
Sobre caminhar (e lembrar) | 11
Quantos ailantos tem na Cidade Baixa | 17
Leandro Doro: na dialética de um bairro | 21
Cidade Baixa, devoção alta | 29
Aluga-se e vende-se a CB | 38
Do lado de dentro | 43
Lembranças agridoces | 48
Seu Cláudio do Parangolé | 53
O cheiro que tinha um dia o próprio vento | 61
O jeito menos porto-alegrense de ser porto-alegrense | 65
O primeiro rolê | 76
CB/Cidade Baixa | 82
O príncipe da Cidade Baixa | 87
Sol de sábado na Nabuco | 95
A loja é minha mãe | 99
Devaneios de almoço | 107
Lance de sorte na CB | 113
O impulso da doação como princípio de vida | 121
João sem foto, sem nome | 131
O "limítrofe" leitor da Cidade Baixa | 141
Quem bebe na manhã da CB | 149
C(or)B | 155

1. Caminhar e lembrar
2. Ailanto
3. Leandro
4. Carmelita Agnes
5. Aluga-se e vende-se
6. Lado de dentro
7. Lembranças agridoces
8. Seu Cláudio
9. Cheiro do vento
10. Fabrício
11. Rolê
12. CB
13. Príncipe Custódio
14. Sol de sábado
15. Andréa
16. Devaneios de almoço
17. Luiz Paulo
18. Rose
19. João
20. Milton
21. Valdir
22. C(or)B

Apresentação

A história deste livro começa em junho de 2022 quando nos (re) encontramos no espaço físico da disciplina Jornalismo e Cultura, depois de mais de dois anos de isolamento e da mediação de telas no ensino remoto emergencial. Naquela manhã fria de junho, com todas as janelas da sala 313 abertas, cada participante recebeu um pequeno caderno, um *moleskine*, para registrar ideias, imagens, desenhos, para deixar inscrito no papel a experiência do curso que viveríamos juntos. Nossa primeira provocação foi escrever sobre a sensação do retorno e das memórias do corpo. Escrevemos sobre os espaços (dos sonhos) possíveis da aula: o que mais senti saudades durante os dois anos e meio de afastamento físico.

O sonho (possível) do livro começou a ser gestado nas palavras de saudades da vida no prédio da Fabico. E nem bem chegamos na sala de aula, já saímos dela na outra semana. Fomos ver a exposição *Presença negra no MARGS* e, provocados por essa atividade, começamos a discutir cultura a partir de bell hooks e Stuart Hall. Em seguida, baseados na tradição da escola cronística brasileira,

buscamos entender a narrativa como forma de dar sentido à nossa experiência, e a crônica um modo (nada fácil) de escrever ao rés do chão, de fazer o banal alçar voo. Candido, Culler, Eclea Bosi, Luis Fernando, Joseph Mitchell, Lima Barreto, João do Rio, Susana Vernieri, Caio Fernando e outros tantos foram os guias de percurso.

Deixar-se levar sozinho-a-e, e em grupo, pelas calçadas da Cidade Baixa talvez tenha sido a força que movimentou boa parte dos textos reunidos aqui. Um exercício de observação e, também, devaneio, partindo do espaço como relação social. Os muros visíveis e invisíveis da cidade, que não evitam escapes e resistências, foram ideias prévias da urbanista Raquel Rolnik que prepararam nosso encontro no pátio do Museu de Porto Alegre em 2 de agosto. A jornalista e estudante de Museologia Susana Pohia nos esperava para caminhar e narrar histórias antigas, apontando trajetos que um dia foram de escravos fugidos, lavadeiras e subalternos da Cidade Alta. Vimos, juntos, o mapa de abolicionistas e republicanos inscrito nas placas de rua, os sobrados em fita, um velho Pau-Brasil sozinho entre as árvores plantadas.

Queríamos entender um bairro dividido entre dia e noite, a Cidade Baixa diurna e a CB capaz de provocar sensação de liberdade para quem é – ou foi – jovem na esquina boêmia da Lima com a República. Percebemos o quanto aquele *lugar*, atravessado de ruídos e afetos, parece mudar de pele na especulação imobiliária e no deslocamento do circuito noturno, processos de gentrificação que boa parte do jornalismo local não hesita em apoiar.

O jornalismo sempre foi um narrador potente da cidade. Fez da construção da rua um de seus espaços mais emblemáticos. Tendo a consciência do quanto nosso campo profissional deixa ver apenas segmentos de uma cidade mediada, nem sempre a cidade vivida, é que nos aventuramos na captação de instantes e de cenas cotidianas. Para ampliar o mosaico, produzimos miniperfis, pequenos retratos transitórios, gestos biográficos de reportar o bairro, entendendo a vida no contexto, tempo que passa no espaço e vice-versa. Surgem, então, as histórias do Príncipe Custódio, de Fabrício, Valdir, Leandro, Agnes de Jesus, Rose, Seu Cláudio, Luiz Paulo, Andréa, Milton, do catador que não disse seu nome.

Desejamos que *Caminhos na Cidade Baixa* levem seus leitores para outros caminhos possíveis,

boa leitura,

Cida Golin e Ana Gruszynski
Professoras de Jornalismo e Cultura no semestre acadêmico de 2022-01

Sobre caminhar (e lembrar)

Uma vez, quando uma pessoa com quem eu me importo bastante me perguntou por que eu insistia tanto em fazer a grande maioria das coisas caminhando, eu não soube muito bem como responder. Eu até poderia ter fingido, com um copo de Coca-Cola na mão e uma caixa de pizza amanhecida do nosso lado, que era uma questão de saúde ou algo assim. A gente teria rido bastante. Nós dois sabíamos bem que eu nunca fui alguém com muita estima pelo meu bom funcionamento. Se me lembro bem – o que provavelmente não é o caso –, acabei respondendo que preferia passar um pouco de sufoco e gastar o dinheiro do transporte me compensando com um lanche.

A verdade é que eu sei que faço isso por um motivo bastante específico. Com medo de me expor, optei pela piada. Normal.

Não sou de me abrir tão facilmente e aqueles que me conhecem – de verdade – sabem que sou grande fã de meias-palavras e entrelinhas. Talvez mais por alguns fantasmas que me assombram do que por qualquer razão nobre. A escrita, pelo menos – gosto de acreditar que sim –, tende a ser um ouvinte menos julgador. Se quem lê infere qualquer coisa a respeito de quem escreve, bom, isso já não me diz mais respeito: o autor está, enfim, morto.

Me deslocar a pé sempre foi um exercício de me deixar viver em linhas, e não em pontos. São os poucos momentos em que me dou ao luxo de aproveitar os caminhos por eles próprios. Tenho

o horrível costume, afinal, de me deixar vencer pela inigualável capacidade da minha cabeça disfuncional de me transportar pra lá e pra cá contra minha vontade. Normalmente vivo no passado, no futuro e em todas as outras dimensões, tentando fazer de tudo ao mesmo tempo; mas quando caminho, não tenho outra opção: não posso fazer nada senão caminhar no presente, aqui e agora.

O que me interessa nisso, óbvio, nunca foi só colocar um pé à frente do outro. Esteiras não são tão legais assim. A grande diversão, no final das contas, é me impor a liberdade de vivenciar o tempo e experimentar o espaço. Sair do automático mesmo. Faz sentido? Espero que sim. Mas agora, me dando o direito de fazer uma separação grosseira e com todo respeito à natureza, eu tenho alguns espaços e tempos preferidos: o da cidade, da cultura, da sujeira, do ruído. E onde, no paralelo 30, se encontra tudo isso com mais vivacidade do que na Cidade Baixa?

Se os cenários mais recorrentes dos meus trajetos – das redondezas do IAPI à Assis Brasil – costumam ser relativamente tranquilos, caminhar nos bairros centrais de Porto Alegre é uma experiência à parte. É impossível não se sentir atravessado por todo tipo de memória, das particulares às coletivas. Cada passo é uma flecha.

Perambular por lá foi, inclusive, meu retorno ao bairro depois de alguns bons meses. Depois de ter perdido parte de mim, aquele espaço me assustava. Mexer com memória é mexer com afeto. É tocar em coisas que muitas vezes não querem ser tocadas. E a Ci-

dade Baixa era, definitivamente, um lugar que eu não sabia que queria tocar de novo tão cedo.

A ideia de uma caminhada diurna, do exato jeito que fazíamos, me apavorou por um tempo. O bairro todo, depois do que aconteceu, me fazia mal. A maioria das ruas me deixava aflito só de escutar o nome. Mas algumas coisas, claro, sempre se sobressaem. Em particular, a doceria que marcou um dos dias mais angustiantes com uma das pessoas mais especiais da minha vida; uma tarde tão interminável que parece perdurar em mim até hoje. Não culpo ninguém, mas revisitar todos esses espaços era, acima de tudo, uma experiência de confronto pessoal.

Primeiro ouvi as pessoas. Algumas felizes, com companheires ou bichinhos de estimação. Outras, notavelmente com pressa. Era a manhã de um sábado, mas é claro que o mundo não para pra todo mundo. Não demorou muito tempo até que minha imaginação começasse a preencher as lacunas das pequenas histórias que se formavam naquelas ruas. De forma quase que instintiva, minha cabeça lidava com as próprias feridas enquanto me delegava o papel de observador-narrador de todas as outras possibilidades de experiência de mundo que se colocavam ao meu redor. Para a minha (agradável) surpresa, a deriva foi uma oportunidade de ressignificações.

Se todas as minhas caminhadas anteriores pela região eram uma busca por construir histórias próprias – mesmo que nem todas com bons finais –, o retorno ao bairro também foi uma pos-

sibilidade de atentar às incontáveis outras memórias sendo construídas enquanto eu caminhava por ali.

Em paralelo a isso, outras micro-histórias também iam se construindo: aquelas calcadas na própria materialidade do espaço. Rastros e escrituras de todo tipo também chamavam a minha atenção. Pichações, cartazes, adesivos, placas e símbolos se sobrepunham entre si. O bairro se tornava um grande palimpsesto de mensagens e memórias que levavam minha mente a imaginar formas de preencher os espaços em branco que os gritos impressos ao longo das ruas deixavam.

Com o tempo, apesar do receio e das ansiedades que me inundavam antes do início do trajeto, fui relembrando por que caminhar me é tão importante. Durante algumas horas, transitei entre o real e o inventado, caminhei por linhas sem pontos e enfrentei espaços em que eu já não parecia bem-vindo. Por alguns momentos, me deixei ser atingido por tudo que constrói aquele lugar. Me senti parte de algo maior – como se minhas dores se confundissem com as dores do espaço e meus medos individuais fossem enfim fagocitados pela experiência coletiva do urbano.

Caminhando, lembrei de coisas que nunca soube.

Indo embora, lembrei daquela pessoa e daquela conversa. Se pudesse voltar no tempo e no espaço, teria feito tudo diferente.

Saída mediada na Cidade Baixa

*As casas com as fachadas preservadas, tombadas é parte da história de um bairro que era uma região "de férias", mais perto do lago, nos anos 30 - 40.

*Os nomes que definem a história da cidade, mas cadê as mulheres?

*A população negra que moldou o bairro e deu sentido e vida a ele foi marginalizada, mas resiste na memória daqueles que desejam relatar a verdadeira história da região.

*Volta a ruas da Cidade Baixa que fazem parte da minha história

1. Rua da República na Cidade Baixa. Onde vári cafés se localiza e compõe uma cer atmosfe em toda a cidade

*Fotografi filme

Quantos ailantos tem na Cidade Baixa?

Grégorie Garighan

Os descascados sobrados da Cidade Baixa evidenciam a história do bairro, os sentidos daqueles que os habitam, revelando uma linguagem muitas vezes imperceptível aos desatentos, mas que tem o poder de habitar as histórias de quem passa por suas ruas e, de uma forma ou outra, contribuem com a construção deste imaginário. Enquanto caminhava pela rua Sarmento Leite, meus olhos instantaneamente se fixaram em um grande ailanto de mais ou menos 20 metros de altura dividindo espaço com as antigas construções.

Quando o vi ainda não sabia de que espécie se tratava, mas achei interessante que estivesse ali, em meio a um bairro cada vez mais vertical. Acontece que o ailanto é uma espécie invasora, mesmo que deslumbrante e imponente, com folhas em forma de pena e sementes vermelhas e amarelas, essa árvore dizima espécies nativas com as toxinas que deposita no solo.

O ailanto está por toda a parte na Cidade Baixa, mas nem todas se assemelham à beleza daquele entre os sobrados na Sarmento Leite, são mais agressivos e têm poder de destruição muito maior, seus caules são de concreto e as raízes de cimento, as folhas são a fuligem preta que deixa as churrasqueiras nas varandas. Por onde quer que você ande, verá a transformação que essa espécie vem causando na geografia desse bairro, enraizando um projeto de cidade que está muito longe da Cidade Baixa que conhecemos.

A Cidade Baixa não é mais a mesma, não é mais a mesma da metade do século XX e não é a mesma que conheci há três anos, quando as conversas rolavam soltas na noite e, como cantou Elis, cabelo ao vento e gente jovem reunida. Tudo bem, talvez eu esteja ultrapassado, a Cidade Baixa já não representa a liberdade tão bem como antes, mas inúmeras foram as noites de sábado em que as calçadas da Lima e Silva abrigaram àqueles que procuravam escapar da realidade.

A boemia do bairro sempre me encantou, bem como os inúmeros universos que encontrava ao caminhar por ali. Crianças praticando *ballet*, uma costureira preparando o vestido de alguma debutante, um casal tomando café na rua, o artesanato, o aroma de incenso e as manifestações políticas nas paredes. Mas agora, caminho pelas ruas rapidamente, sem olhar para os lados. O dia é nublado e cinzento, bastante condizente com a melancolia dessas palavras. Novamente, avisto um grande ailanto, mas desta vez estou na rua José do Patrocínio. Firme de concreto, sua destruição é cultural, histórica e epistemológica. O que vale mais: estar na Cidade Baixa ou ser Cidade Baixa?

Que nenhum ailanto apague as cores deste bairro.

As cores da Cidade Baixa

→ uma árvore em meio às casas

árvore-do-céu (ailanto)

a árvore-do-céu em meio aos sobrados

fotos no drive.

Leandro Doro
na dialética de um bairro

Quem entra pela porta aos fundos do apartamento, ao se deparar com gibis e bonecos de pelúcia, pode imaginar que ali reside uma criança. Não estaria completamente equivocado, pois dentro de um artista sempre há algo de lúdico que foi conservado. Todavia, basta apenas um olhar de soslaio à mesa de desenho para jogar a primeira hipótese pelas janelas que miram a rua Lima e Silva. Os rabiscos no papel inclinado na prancheta não são de um menino: traços grossos que denotam precisão, um detalhamento de linhas faciais que não cabem em bonequinhos de palito, balões de diálogo com palavrões, gírias datadas e expressões ininteligíveis para a geração que cresceu nas redes sociais. Isso tudo porque Leandro Malósi Dóro não é nenhum rapaz. No alto de seus 47 anos, o jornalista, cartunista e designer de discurso eloquente e risada esganiçada foi testemunha ocular das transformações que aconteceram no âmago de Porto Alegre, especialmente onde faz sua morada desde 2001.

O grande vetor da noite porto-alegrense no final dos anos 90, pela ótica de Leandro, era o bar Ossip – um ícone da Cidade Baixa localizado na esquina entre a rua da República e a João Alfredo, que hoje atende por Urso de Varsóvia. Os gestos e decibéis do cartunista demonstram excitação ao falar sobre o fervo boêmio que ebulia ali: "virou uma reunião de *popstars* do rock aquela quadra, foi como a explosão de uma supernova". Outras frentes ainda perduravam no gosto dos pândegos de Porto Alegre, como os arredores do Ocidente, no Bom Fim, e o Garagem Hermética, na Independência. Os quadrinhos de Leandro capturam, senão

a essência, pelo menos a estética de uma Porto Alegre que queria ser Londres: roqueiros de boinas e terninhos, *punks* de moicano e coturno, velhos *hippies* contando causos lisérgicos, franjudas sedutoras, mendigos histriônicos, brigadianos truculentos e uma porrada de outros habitués das Camden Towns daqui.

Vindo dos planaltos de Passo Fundo, Doro, como é chamado por seus pares, ocupa um apartamento confortável às margens do rebuliço das alamedas da Cidade Baixa. Começou a carreira como repórter no jornal *Diário da Manhã*, o que é facilmente atestado pelo olhar crítico que destila em qualquer análise que faz. Já em Porto Alegre, trabalhou em conjunto a sindicatos e confeccionou materiais gráficos para diversas finalidades. Suas charges e cartuns o levaram ao além-mar: expôs na Bósnia e Herzegovina, Alemanha, França e Portugal. Gosta de ir para os lados do Zaffari, de beber cerveja artesanal a preço justo, de conversar nos bares da rua da República sobre assuntos que nem mesmo domina.

Doro possui uma relação de amor e ódio com a Cidade Baixa. Ao mesmo tempo que gostaria de deixar a CB, está preso nos grilhões de sua própria memória. Conversar com Doro é como ouvir um historiador ministrar uma aula sobre o colapso da União Soviética ou as agitações políticas da Revolução Francesa. Sua voz mansa narra a alquimia social ocorrida entre a Avenida Aureliano Figueiredo Pinto e a Avenida João Pessoa através de uma perspectiva quase marxista, onde pontua a dialética das gerações como o motor que sintetiza o desabrochar de novas tendências: "eu vi aqui a eclosão do *hipster*, dos fãs dos Los Hermanos, do pessoal do metal, do pessoal do *hip-hop*, a

galera do eletrônico, da rave, são grupos que acabam explodindo e morrendo, essas tribos precisam estar se renovando".

A Cidade Baixa em si pode ser vista como uma célula que fagocita, ao seu bel-prazer, as partículas que se desgarram do curso natural da cidade. A lógica comercial, afinal, só existe sob a premissa da adaptação. "Os bares da Cidade Baixa começaram a sentir o que seria o pré-golpe. Tu tinha um bairro que era abastecido a base de cerveja e o que tivesse pra comer e de repente começou a aparecer a vodka com energético, que demonstra que teu poder de compra tá caindo" exemplifica. Se a democratização do consumo existe na Cidade Baixa, também existe nela a democratização da miséria – esta refletida por problemas estruturais que hoje espalham-se como vírus pelo país. Doro compreende que este movimento pode ser observado na tentativa de desalojar o alvoroço da CB e realocá-lo no Quarto Distrito. Em sua visão, o que seria um ensejo nobre de fazer germinar uma outra zona boêmia em Porto Alegre acabou por retroceder a um elitismo contraproducente que vemos em bairros como o Moinhos de Vento.

Muito além do cartum

Potira sente o cheiro de carne queimada, que de seu próprio corpo. Antes de desmaiar, ouve um trovão. Porém não há nuvens no céu e ainda consegue pensar: "Deus Tupã, vem nos salvar".

Estas são linhas do conto *Amazônia Tupã*, uma das entradas de Leandro no blog que carrega seu nome completo no link. A faceta

literária de Doro pode até ficar ofuscada pela sua longeva e reconhecida carreira nas artes gráficas, mas é parte indissociável de seu caráter. Porque Leandro é, acima de tudo, um narrativista interessado em exprimir as fabulações de sua cabeça da maneira que lhe for conveniente. A obra que talvez mais retenha a sua verve de escritor é *Revolta dos Motoqueiros*, novela onde relata, lançando mão de palavra escrita e ilustração, um episódio ocorrido em Passo Fundo, no longínquo fevereiro de 1979, onde 10 mil pessoas revoltaram-se contra as autoridades após o assassinato de um jovem motociclista.

Doro começou a desenhar por uma infelicidade (ou felicidade?) do destino. Ainda um púbere, precisou sustar sua energia juvenil em uma cama após passar por um processo cirúrgico no joelho. Ganhou, então, alguns gibis para passar o tempo. Logo, começou a tentar reproduzir os quadrinhos que lia à sua própria maneira. Nunca foi muito afeito às histórias de super heróis que voavam ou soltavam *laser* pelos olhos. Preferia um outro tipo de superpoder; um mais sutil, é verdade, mas não menos poderoso: o humor. Doro acredita que muito da objetividade presente em seu trabalho é fruto da crueza dos moradores da Cidade Baixa: "daqui quinze minutos talvez eu não tenha tempo de falar contigo, então tenho que te passar a informação em um".

A atividade cartunesca é um ofício tradicional de Porto Alegre. Grandes nomes da ilustração e animação brasileira como Santiago e Otto Guerra emergiram da capital. Um dos pontos de encontro mais famosos da classe era o bar Tutti Giorni, fundado por Ernani Marchioretto em 1989. "Tutti Giorni", em italiano, quer dizer "todo

dia". E, claro, para Leandro e seus companheiros, todo dia era terça-feira. No dia em que Deus criou a terra, os mares, as ervas e as árvores frutíferas, centenas de frequentadores se reuniam no viaduto da Borges para confraternizar entre cervejas e pratos de carreteiro. Por conta de sua relação com a Grafistas Associados do Rio Grande do Sul (GRAFAR), o lugar logo foi alcunhado como o "bar dos cartunistas" – e, de fato, não era incomum topar com figuras estreladas da arte gráfica nacional, como Ziraldo e os Irmãos Caruso.

"A coisa ficou desordenada, era uma loucura completa, estavam lá trezentas pessoas em uma terça-feira normal" conta Doro. Por conta de uma dívida de condomínio do proprietário, o Tutti Giorni foi obrigado a se mudar para a beira da Cidade Baixa, nas proximidades da Praça dos Açorianos. Ao mesmo tempo, a demanda por material gráfico advinda do governo federal minguou por conta das articulações do impeachment de Dilma Rousseff em 2016, o que também fez minguar uma valorosa fonte de renda dos cartunistas. Um dos herdeiros do Tutti Giorni é o Café Cartum, um misto de bar e galeria de arte situado na José do Patrocínio que ainda evoca os ecos da boemia ilustrada de Porto Alegre.

A poeira das explosões

Quando pedi para Leandro Doro me contar alguma anedota que viveu na Cidade Baixa, o que ouvi foi uma história amalucada e cheia de libido envolvendo membros de bandas *cult*, um cineasta afamado e no mínimo três pessoas nuas. Acredito que essa seja uma boa sumarização do bairro que ele pintou em minha

consciência: uma confluência de ritmos, personagens, lugares de fruição do prazer da juventude. Como um registro que sustenta minhas percepções, vale comentar que conheci Leandro através de um amigo que é o mais próximo que podemos chegar da encarnação do conceito de flâneur. Encontros desta estirpe só são possíveis quando a aura de um local induz, muitas das vezes inconscientemente, a produção de laços sociais através da vivência e experiência de uma cultura.

A Cidade Baixa que conheço parece ser apenas uma das Cidades Baixas existentes em um multiverso de realidades alternativas. De imaginar que hoje, pelas quebradas da CB, muitos dos roqueiros velha-guarda torcem o nariz para os jovens de Mizuno e sobrancelhas riscadas que passaram a gradualmente ocupar aquele espaço. Aposto que o mesmíssimo olhar de desdenho aconteceu quando um bando de branquelos usando roupas de brechó passou a baforar seus cigarros nas ruas do berço do samba em Porto Alegre. O que é, de certa forma, revolucionário na leitura da história social da Cidade Baixa que Leandro faz: conseguir, mesmo que a contravontade, aceitar que o choque precisa acontecer para que algo novo possa aflorar.

A Cidade Baixa de Doro, mesmo que esfacelada pelo tempo, ainda vive em um plano muito particular: na metafísica de suas lendas.

BAR
FORA BOLSONARO
CIDADE BAIXA
TERRITÓRIO ANCESTRAL INDÍGENA

Cidade Baixa, devoção alta

Muito antes da Cidade Baixa se estruturar como bairro e vir a ser um dos pontos de referência da vida boêmia de Porto Alegre, o Mosteiro Nossa Senhora do Carmo já estava de pé. Localizado na Loureiro da Silva, entre as ruas Lima e Silva e José de Patrocínio, os grandes muros que se estendem ao redor da igreja abrigam, há mais de 150 anos, jovens devotas que renunciaram a tudo aquilo que está do lado de fora para viverem no isolamento. Elas pertencem à ordem das Carmelitas Descalças, uma das mais antigas da Igreja Católica, que tem como característica a vida contemplativa de clausura monástica. O mosteiro – primeiro do estado e segundo do país – teve a primeira capela inaugurada em 1846, pela madre Joaquina de Jesus, uma portuguesa cujo sonho sempre foi ser carmelita, mas que morreu sem ver o seu carmelo ser canonizado pela Santa Sé, em 1863.

Apesar de viverem na entrada de um dos bairros mais agitados da Capital, o externo não seduz nem satisfaz: é o interno que encanta e para o qual são devotas. Assim descreve Agnes de Jesus, a irmã que me recebe à porta, ao falar sobre as coisas das quais abdicam para estarem ali. Os locais no mosteiro com acesso ao público externo são poucos: além da igreja, há o locutório, uma peça reservada para conversas ou orações mais extensas, que separa por grades o espaço entre as irmãs e os convidados. Ninguém, a não ser o Papa – e as raras exceções (como o bispo em uma visita canônica), tem acesso à área interna. Passando a capela, há

um espaço reservado para os hóspedes, uma acomodação para os familiares das jovens que vêm visitar, lá há outro locutório para que eles se comuniquem. O restante do contato com o público externo é feito por meio de um interfone, em uma sala de portas altas, na entrada do carmelo. À direita, ao lado do interfone, há uma estrutura de madeira giratória (semelhante às antigas 'rodas dos expostos'). À esquerda, a porta para o locutório.

"Eu tinha duas paixões: a vida religiosa e arte"

"A primeira vez que eu vi (as grades), eu falei: perfeito, tudo que eu quero. Eu acho lindo, ótimo", relembrou Agnes. Ela está há 13 anos no carmelo de Porto Alegre e há 22 anos na ordem. A irmã, hoje com 44 anos, conta sorrindo que sempre soube que o seu destino era a vocação religiosa. Aos cinco anos de idade, viu do pátio de casa o mosteiro da cidade onde morava ser construído, no interior do Paraná. Com uma mãe muito devota, Agnes sempre esteve em contato com a religião e, aos 11 anos, conheceu o carisma carmelitano. Nova demais para poder iniciar a vida de devoção, direcionou seus esforços para sua outra paixão: a arte.

Por ser uma criança muito ativa, Agnes participou de atividades extracurriculares desde os oito anos de idade, quando entrou para o teatro. "Eu sempre fui meio 'Gabriel, o Pensador'. Eu era diferente das outras crianças". Os pais, estimulando esse lado da jovem, a incentivaram. Ao longo da sua adolescência até a vida

adulta, ela se manteve ocupada: fez balé clássico, natação, karatê, *kung-fu*, além de uma série de cursos gratuitos.

Impossibilitada de se dedicar totalmente à vida religiosa, à época em função da sua pouca idade, Agnes pôde doar-se à arte por, pelo menos, cinco anos de sua vida. Dos 16 aos 22 anos, trabalhou em um circo. Foi *partner* (quem acompanha/ajuda o artista que se apresenta), bailarina e trapezista. Quando decidiu sair, procurou uma área em que ainda pudesse estimular sua imaginação, indo trabalhar com decoração de interiores. Prestes a entrar na faculdade de Arquitetura e Urbanismo, foi informada de que poderia entrar para o carmelo. Não pensou duas vezes.

Na quietude, uma rotina de fé

É sob uma redoma de silêncio e devoção, em meio aos incessantes burburinhos da Capital e do pujante bairro que as cercam, que as 21 carmelitas passam os seus dias. Com uma rotina rígida, todas as horas são contadas e preenchidas. As orações iniciam às 5h30min, em grupo, é a chamada *Liturgia das Horas*. Em seguida, realizam uma breve oração sozinhas e, de segunda a sábado, às 7h assistem a missa (celebrada por diferentes padres) que no domingo, como a capela é aberta ao público, começa às 8h. Logo em seguida, o café da manhã e, para as noviças que estão em formação, também há uma hora de aula. O restante da manhã (que compreende umas duas horas) é reservado para os trabalhos do-

mésticos, onde todas contribuem. Todo ano é realizado um rodízio em que as funções são distribuídas, assim as irmãs acabam passando por diferentes tarefas; com isso, as mais jovens aprendem e ninguém faz sempre a mesma coisa.

Às 11h, uma nova oração em conjunto. Em seguida, às 11h30min, é o almoço. Como todas passam pela cozinha e há uma diversidade de culturas – porque o mosteiro abriga irmãs de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e Amazonas, além das gaúchas – são variados os sabores e os pratos aos quais elas têm acesso. Depois de comerem, rapidamente limpam a cozinha e às 12h10min já estão prontas para a "hora do silêncio". O tempo é reservado para fazerem o que desejarem no seu quarto (ou cela, conforme o nome monástico). Das 13h às 14h é o período reservado para o recreio, momento do dia em que elas possuem liberdade para conversar. Nesse primeiro momento, as mais antigas e as mais jovens (o noviciado) ficam em diferentes locais. Quando o recreio acaba, é feita uma nova oração e mais uma hora de leitura espiritual. O período restante, até às 17h – quando se inicia uma nova oração seguida de um período de oração pessoal –, é reservado para mais atividades da casa que não foram finalizadas e para os trabalhos manuais aos quais se dedicam, como artesanato e costura.

O jantar é servido às 18h30min e, às 19h10min, elas já estão terminando de limpar a cozinha, é o momento do segundo recreio. Nesse, todas as 21 mulheres ficam juntas e livres para interagir. "Reúne a comunidade toda junta, para mais um horário

de conversa, é muito legal, muito bom", contou a irmã Agnes. Às 20h15min começa a última oração do dia, que se estende até às 21h. A hora restante, entre 21h e 22h, é um período livre, em que as irmãs podem orar livremente onde preferirem antes de deitar. Todas cumprem essa mesma rotina, das mais velhas, que circundam os 97 anos, às mais novas, de 20. Aos 67 anos, a Madre Superiora, irmã Susana da Santíssima Trindade, "é quem puxa o fio" e consegue seguir, "com excelência", o ritmo imposto.

Poucas são as coisas que fazem com que essa rotina, minuto a minuto planejada, tenha de mudar a rota. São os casos de algum evento especial – como uma festa própria da comunidade ou quando o Papa faz algum pronunciamento. Nesse caso, elas reajustam todos os horários prevendo os acontecimentos para que nenhuma oração deixe de ser feita. Outra curva incomum nesse riacho, que flui com tanta naturalidade, é quando as carmelitas precisam sair. São raríssimas as exceções: é o caso de consultas médicas; para fazer compras de coisas que não podem ser entregues por tele-entrega, itens para artesanato; ou para votar em ano de eleição. As saídas, quando ocorrem, são estratégicas: uma ida ao dentista vira uma passada na loja de insumos para artesanato, por exemplo. E ocorrem com mais frequência em determinadas épocas do ano, o período que antecede a novena de Nossa Senhora do Carmo, entre 7 e 16 de julho e antes do Natal.

O restante do contato com o mundo externo é feito por meio do interfone, na pequena sala de entrada. É por lá que elas en-

tram em contato com os dois funcionários do Mosteiro, que fazem a manutenção externa do local e prestam ajuda. É por lá também que vendem as comidas e artesanatos da qual tiram parte do sustento. Um dos melhores momentos para os negócios é durante o período de novena: após a missa, interlocutores expõem para elas, no salão ao lado da Igreja, todos os produtos produzidos no carmelo: tem chaveiros, toucas, luvas, aromatizadores, entre outros. Mas são os pães, as bolachas, as pizzas e os docinhos que fisgam e fidelizam o público.

Apesar de ser permitido, nem todas as religiosas têm acesso à internet. Como a rotina é puxada, é pouco o tempo de sobra para usufruir. As que o fazem, normalmente conversam com a família. São elas, também, quem repassam às outras as informações acerca dos candidatos e suas propostas durante as eleições, uma vez que, a cada dois anos, elas vão às urnas.

No coração da Cidade Baixa, as carmelitas do Mosteiro Nossa Senhora do Carmo compõem o desenho de um bairro que segue em constante transformação, projetando o silêncio em meio a incessantes sons, dia e noite. Reclusas, pouco participam ou percebem todas essas mudanças ao redor e o maior contato entre as carmelitas e o bairro é através das missas dominicais. Entretanto, há momentos em que o diferente invade o interior e se faz presente: foi o caso da pandemia de Covid-19. O esvaziamento das ruas durante um dos momentos mais severos da pandemia causou um silêncio incomum dentro do Carmelo que fica situado em

uma avenida movimentada da capital. Felizmente, o vírus pouco as afetou e apenas algumas irmãs ficaram doentes, mas nenhum caso foi grave.

Agora, os burburinhos transbordam novamente a Loureiro da Silva. Os sons, as vozes e as músicas externas, tão características do bairro e da cidade, voltaram a invadir os muros do mosteiro. Mas, assim como antes, não são suficientes para inundar o silêncio das 21 carmelitas.

- pós missa: café da manhã.
- noviços tem aula. (14h)
  ↳ noviços, postulantes vêm branco.

Tem irmãos do RS, SC, Minas, Mato Grosso, Paraná e Amazonas.

- restante da manhã ~~[illegible]~~ trabalhos, limpeza, etc. todos cozinhos.
- após: 11h liturgia das horas (oração).
  ↳ juntos.

* Tem ala de hóspedes

- 11h30: almoço → limpeza.
- 12h10: recolhimento na cela → quarto.

13h-14h: recreio "separado" dos + velhos.
  ↳ noviciado.

- 14h: liturgia das horas
  oração das 15h adiantada.
  depois: 1h de leitura espiritural.

15h até 17h: restante atividades. "somos muito rápidos fazendo tudo, trabalhamos hora em hora"
  ↳ tarefas diárias.

- todos anos mudam, todo mundo aprende.

17h: oração, seguido de oração pessoal. 15h ↳ lanche
- a não ser no jejum.

18h30: janta → louça

19h10: ~~[illegible]~~ recreio. todos juntos.

20h15: oração, + liturgia das ~~horas~~ horas.

- mudanças
- Madre Supe
* Clausura:
  estudo com
  não nos ~~[illegible]~~
  saíd
- Saídas: co
  como a
  dentista, n
- Quem pode
  especiais.
- Antes do p
- Ano de eleic
  grupos de
  a in
- Não tem T
  ↳ a
- Pode acom
- comunida
  receber
  ↳ máx. (

Aluga-se e vende-se a CB

Depois do meu próprio bairro, o vizinho bairro Santana, a Cidade Baixa foi o lugar de Porto Alegre que eu soube me localizar melhor quando me mudei para cá, em 2019. Conheci as ruas à noite – graças às festas da faculdade. Apesar da insegurança de ser mulher e estar na rua na capital, sentia que se me colocassem na esquina da Lima e Silva com a República, eu me acharia na cidade grande.

Mas, ao caminhar pelas ruas da CB estranhamente iluminadas pela luz do dia (aos meus olhos de jovem universitária) foi impossível não reparar que os prédios centenários ganham, cada vez mais, um novo adereço: as faixas de aluga-se e vende-se. Elas não estavam tão presentes há três anos, quando o bairro se tornou familiar para mim.

Os anúncios geralmente verdes ou amarelos contrastam com os tons esmaecidos dos prédios desgastados pelo tempo. E as fontes Arial ou Comic Sans utilizadas na escrita em nada combinam com os padrões arquitetônicos dos prédios do século anterior. É como se nada ali tivesse que estar assim.

Ao pensar na possibilidade de que alguém realmente queira comprar ou alugar um desses espaços, imaginei a quantidade de histórias já vividas no interior deles, guardadas por janelas e portas fechadas. Enquanto isso não acontece, os locais anseiam pelo momento em que um novo morador force as venezianas e a luz invada o espaço

novamente; que novas cadeiras sejam colocadas nas estreitas varandas; novos tapetes com escritos de "bem-vindo" sejam colocados às portas.

Mas os apartamentos antigos continuam a aguardar novas vidas, enquanto paredes novas vão sendo erguidas no bairro boêmio. Ao caminhar pela minha famigerada Lima e Silva, dei de cara com uma obra gigantesca acontecendo ao redor da Nova Olaria. O medo de que ela afetasse o funcionamento do Cine Grand Café me invadiu – um receio bem egoísta, pois pensei que ainda nem tivera tempo de conhecer o espaço que sucedeu o Guion.

Dias depois dessa caminhada, li a notícia de que o cinema terá suas atividades suspensas para a reestruturação do espaço. Um ponto cultural e comercial tão tradicional da CB terá que se readequar às torres gigantes que estão sendo construídas ao seu redor. E o que isso tem a ver com as placas de aluga-se e vende-se? O fato de que o segundo bairro mais antigo da Capital gaúcha está sendo alugado ou vendido diante dos nossos olhos para empresas milionárias.

Essas mesmas que erguem prédios com fachadas de vidro e em tons escuros que nada combinam com a estética e a história da Cidade Baixa. O chão do bairro marcado pela juventude é, agora, escavado por retroescavadeiras. Ao ver uma delas trabalhar, pensei em como essa comparação pesava para mim, e parecia que um pedaço da minha juventude era tirada daquele chão.

Dobrando a esquina da rua da República, mais uma grande obra. Da mesma empresa. Uma que não é preciso mencionar o nome – uma que parece ter dominado Porto Alegre tanto quanto a rede de mercados que também não preciso citar. Na mesma rua da República, fotografei um lindo casarão verde com uma placa de aluga – ele deve ter abrigado várias pessoas cujas histórias eu faria questão de conhecer e contar.

VENDE - SE

ALUGA - SE

A - CB

Cl

Ted

↳ Es

Cl

- Qu

- J

- Fe

E

o

n

(

Do lado de dentro

Parei para atravessar a rua. 59, 58, 57… começou a contagem para a travessia de pedestres. Me lembrei que na noite passada assisti um episódio da série *Stranger Things* em que tinha um relógio assombrado de outra dimensão que fazia uma contagem regressiva para a próxima pessoa que ia morrer. Atravessei a José do Patrocínio. Tava procurando uma cafeteria, sentindo a barriga nas costas. Saí mais uma vez correndo de casa, sem sucesso. Me atrasei e não tomei café. O meu dia não começa enquanto não tomo café. Faço as coisas que tenho que fazer, mas é como se eu estivesse em transe no mundo invertido daquela série. Cheguei na cafeteria, pedi um café e um sanduíche e a moça pediu pra eu aguardar na mesa. Sentei, peguei o celular e percebi que tava sem bateria. Aff, ninguém merece. Sem celular a gente fica meio perdido. Aquela coisa, alguns instantes olhando pro nada.

Faz diferença sentar do lado de fora da cafeteria? Fiquei pensando. Na Cidade Baixa, sim. Dentro tu limita muito a possibilidade de ver o funcionamento dessa minicidade que não para, não é um bairro para quem quer sossego. Existem vantagens e desvantagens na escolha do lugar para sentar. Nessa cafeteria, do lado de dentro, tu pode ver o lado de fora e assistir às possibilidades imprevisíveis da vida a cada minuto. Mas quem tá do lado de fora não consegue ver o lado de dentro, o que não faz diferença nenhuma porque mesmo se conseguir ver não tem nada demais, só as moças de avental preto fazendo café e um cara com o bigode na régua lendo um livro.

A atendente saiu com uma bandeja e achei que era o meu, mas ela desviou de mim. Através do vidro da janela pude ver uma água sem gás e uma fatia de bolo pago em dinheiro. Mãe e filho tomando café juntos às dez e tanto da manhã na calçada da República na maior calma do mundo. Eita vida boa. Uma cena rara. Quem costuma tomar café tranquilamente nesse horário nas cafeterias são homens. E velhos, repare. E olha que o garoto já estava uniformizado e com gel no cabelo. Eu vou engolir o café e sair correndo. É terça-feira e não sábado. Apesar de que nem sábado eu me imagino fazendo isso, eu quero é dormir. O chão molhado da chuva da noite anterior contribuía para essa cena emblemática. Bem bonitinho, até. Tiraram uma selfie juntos e pelo ângulo que eu via era o retrato do retrato. Queria estar perto deles para ouvir as conversas. A criança parecia tão feliz, pegou um pedaço do bolo e deu na boca da mãe para provar.

É estranho e interessante ao mesmo tempo pensar que a vida acontece fora. Se não saímos do lugar, nada acontece. Para viver tem que ser fora. Meu café chegou. Quando tu vai em algum lugar, existe esse dilema de sentar ou não sentar do lado de fora, eis a questão. Existe esse questionamento? É algo para refletir. A minha ansiedade, por exemplo, não permite algumas escolhas. Imagina se tô sentada lá, passa alguém correndo e leva o meu celular? Ou alguém vem passear com o cachorro e ele resolve fazer cocô do meu lado. Há uma incrível população de pets que circulam por esse bairro de dia. Além disso, na calçada sempre tem

uma abelha voando perto que a gente fica desviando. Ansiedade é uma merda, tu sempre pensa no pior. Do nada vem a sensação de que vai morrer, ou de que vai abrir uma fenda no chão que tu vai cair infinitamente e se afogar nos próprios pensamentos. Por isso sento do lado de dentro da cafeteria em que nada acontece.

A única coisa boa de sentar do lado de dentro, além do próprio cheiro de café que fica no ar, é o silêncio. Amo o silêncio e é por isso que eu NUNCA moraria na Cidade Baixa. É uma mistura de buzina, motor de caminhão e motos raivosas, latidos, sino de bicicleta, betoneiras fazendo concreto, serralheiros a mil e pessoas gritando Claudete na frente da casa dos outros. Terminei meu café, paguei e segui a passos rápidos.

A paisagem do bairro é bonita, mas os carros atrapalham. Acho legal a mistura de pichações e grafite, espalhada nas ruas. Nenhum bairro tem isso. A Cidade Baixa que vive de dia não é a mesma que vive de noite. Circule nas ruas em horários opostos, caminhe às dez da manhã e às dez da noite e veja a mudança na tonalidade de cabelos. Cabeças brancas são substituídas por outras tonalidades, das mais modernas possíveis.

Dobrei na Lopo. Que vento horrível.

66, 65, 64, estava na parede. Senti um frio na barriga.

Eram as vagas desocupadas do estacionamento.

...nho com esforço
...ho de compras
...ora

...ção de cachorros

...ar também

Ser cem
não é cem

...ego

salto grosso, vestido longo, gato preto

502

"Crescerá sobre ti o espírito santo..."
Barulho de moto

Maria respondeu, aqui está a cerca do senhor

Barulho de carro
" de caminhão

"Nós temos que ajudar ele"

Bermuda amarela no varal
janela entreaberta - pingente de bola de natal com foto de bebê

12h - já ouço som talheres e pratos de dentro das casas

O lado de fora a mesma coisa, a cidade não para, carros, carros e carros.

A rua é tão bonita, os carros atropelham a paisagem

33 anos nesta cidade, nunca tinha percorrido esta rua a pé, nunca tinha reparado na sua arquitetura histórica

Ao caminhar percebi que passei no trajeto de um restaurante que já fui - a noite - eu parei o carro e entrei sem olhar p/ os lados.

Nem acreditei quando percebi que era a mesma rua.

Lembranças agridoces

Na maioria das vezes que me perguntam se gosto de morar em Porto Alegre, minha resposta é simples e curta: "não gosto". A cidade que nasci preza pela ignorância de locais que seriam muito interessantes, se tivessem o mínimo de investimento possível. 23 anos morando em um lugar que se torna cada dia mais cinza, bruto e brega, e que adora demolir lugares históricos para construir um prédio de arquitetura questionável com mais de 20 andares. Então, na maioria das vezes, minha resposta a essa cidade é um ressentimento puro, de tudo que ela poderia ser, mas opta por não.

Mas aí vem meu desvio de personalidade e tenho que admitir, há momentos que eu gosto de Porto Alegre (raros). Lugares da cidade marcaram minha infância, em especial os cafés. Na minha família, café sempre foi mais do que uma bebida que dá energia, é uma forma de reunir pessoas queridas para conversar. Encontrei uma vantagem de morar em Porto Alegre? Quem diria, a capital dos gaúchos é recheada de cafeterias.

Nos bairros mais centrais da cidade, essas cafeterias são numerosas e constroem uma paisagem única, embora as minhas favoritas estejam em um bairro que tem uma memória afetiva para mim: a Cidade Baixa. Não me deixo enganar e sei que esse bairro tem defeitos, ao mesmo tempo tem algo que atrai, seja pelo caos geral típico da Cidade Baixa, ou pela quantidade de histórias e de

História que carrega. Nessa geleia geral do bairro, há inúmeras cafeterias, ganhadoras de prêmios, pontos gastronômicos de Porto Alegre. A maioria surgiu há poucos anos, fazendo fama, sendo quase impossível sentar e tomar um café nelas no final de semana.

Até onde me recordo, apenas uma cafeteria do bairro nunca mudou em todos esses anos: aquela cafeteria simples, que fica na rua principal, perto da Olaria, uma pequena iguaria que se encontra ao percorrer a Cidade Baixa. Servindo um café delicioso por um preço honesto, com as típicas comidas brasileiras, a cafeteria não tentou se adaptar a um estilo mais "moderno" como outras do bairro. Segue como aquilo que era desde o começo e parece satisfeita com isso. É nesse café que minha infância retorna, ao me recordar da rotina familiar que lá existia: minha vó me levando para tomar um café enquanto esperávamos minha mãe sair do trabalho. Pão de queijo era quase obrigatório e sem poder tomar café, eu ficava sentindo o aroma da bebida.

Pelo visto, questões afetivas deixam com que eu releve certos problemas de Porto Alegre, e nada supera os momentos em que eu passeava com a minha avó pela região da Cidade Baixa, onde ela me apontava a igreja em que casou, ou o primeiro apartamento que morou ao mudar-se do interior com meu avô. Depois do nosso pequeno "tour", a pausa para o cafezinho chegava, e ela ficava contente de poder sentar e aproveitar um café (e vai um docinho também) enquanto eu lia, concentrada, meus gibis.

Ao crescer, fui perdendo a confiança – e segurança – de andar por Porto Alegre, e quase não caminho pela Cidade Baixa durante o dia, mas quando passo perto da cafeteria, a sensação de nostalgia bate forte em mim. Entendo que essa simples cafeteria é um bom exemplo de como um lugar não precisa fazer grandes revoluções para se adaptar ao futuro. É necessário viver o presente. Talvez por isso essa Porto Alegre que surge diante dos meus olhos cause tanto desgosto, por insistir em não viver o momento atual. São sentimentos confusos dentro de mim que se somam, lembranças que misturam o doce da infância com o salgado da vida adulta em uma cidade que não se valoriza.

Consulado do Café. Cafeteria na qual minha avó me levava, após passear pela CB

* Fotografar analogicamente a cidade me dá a impressão de regresso a infância

Rua da República, na Cidade Baixa. Onde vários cafés se localizam e compõem uma certa atmosfera em toda a cidade

* Fotografias tiradas com filme P e B

Seu Cláudio do Parangolé

O ambiente construído na Lima e Silva é acolhedor desde a entrada, com itens de decoração retrô e inúmeras fotografias recebendo os clientes. Em poucos minutos, é possível sentir o apreço que Cláudio possui pelo local, sempre buscando deixar tudo o mais ajeitado possível e, prontamente, disposto a atender o público que começa a chegar. Percebe-se a diferença entre aqueles que já são "de casa" e aqueles que estão conhecendo o bar pela forma como se referem ao proprietário. Os chamados por "Seu Cláudio" ecoam pelas mesas durante o período de funcionamento.

"Eu tenho sorte de gostar muito do que faço". A paixão de Cláudio Soares de Freitas, 68 anos, ou Seu Cláudio, pelo espaço que construiu é evidente ao vê-lo contar sobre o lugar. O Parangolé Bar, localizado na rua General Lima e Silva, 240, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, foi fundado por ele em 2006 e, desde então, é um destaque no que diz respeito à cultura na região. Com quase duas décadas de existência, o bar é apenas o marco mais recente na vida do seu dono, que já passou por diversas áreas e regiões do estado e do país até chegar à sua atividade atual.

Nascido e criado em Minas do Leão, filho do mineiro Ozi e da dona de casa Maria Clara, Cláudio cresceu como auxiliar do pequeno mercado familiar, a Tenda do Ozi, que foi fundada pelo pai após se aposentar do trabalho na mina. "No interior os fi-

lhos ajudam muito os pais, seja na agricultura ou mesmo na área urbana. O pai que tem um comércio, o filho sempre se cria ali, provavelmente porque já deixa o bercinho atrás do balcão para cuidar dos dois", conta ele, rindo da constatação.

Foi nesta época que uma de suas maiores paixões teve início: a música. Com um acordeão em casa, e o pai que já tocava violão, ele começou a se interessar pelo instrumento. Após aprender alguns acordes básicos com Ozi, foi se aperfeiçoando sozinho, apenas pelo ouvido. Frequentemente, conta Cláudio, os circos chegavam na cidade trazendo artistas como Teixeirinha e, nesse contato, o ainda menino começava a reconhecer e aprender a tocar o instrumento.

Além disso, o rádio foi um grande aliado na busca por se aperfeiçoar na música. "Quando uma música fazia sucesso, eu escrevia a letra, mas tinha que esperar voltar a tocar na rádio para ir pegando mais um verso. Isso me ajudou a desenvolver o ouvido e a memória", completa. A herança musical vem desde sua avó, que tocava gaita ponto, e essa ligação com o meio e com a cultura foi passada para os seus dois filhos, Thiago e Ana Laura.

O interior foi somente um ponto de partida

Buscando uma alternativa longe das mineração e das poucas oportunidades que a cidade de Minas do Leão permitia, Cláudio se mudou para Porto Alegre aos 17 anos, antes de finalizar os estudos, e firmou uma parceria musical com o amigo Fredolino

Borba, o grupo Os Tropeiros da Amizade, na capital. Apesar de não terem um grande sucesso, conforme ele mesmo afirma, essa parceria era o suficiente para se manter na cidade e permitia performances em outros municípios do interior.

A próxima virada na vida do dono do Parangolé viria de forma inesperada. A esposa de Fredolino, grávida de seis meses, era enfermeira e, ao sair do hospital para comer, foi atropelada por um caminhão cujo motorista havia perdido o controle. O bebê e a mãe sobreviveram (ela com o fêmur fraturado) mas foi necessária uma cesárea de emergência. Com o nascimento prematuro e a necessidade da criança em permanecer na estufa, a cunhada de Fredolino, que era administradora de um hospital em Farroupilha, convenceu a irmã a transferir os cuidados do seu sobrinho para a cidade da serra. Além disso, surgiu uma vaga para a enfermeira no mesmo local. Assim, o casal se mudou para a região, e Cláudio os seguiu, na época com 22 anos.

Em Farroupilha, o então músico resolveu finalizar os estudos e conseguiu emprego no próprio hospital em que os seus conhecidos já atuavam. Foram dez anos de trabalho junto ao dono do hospital. Ao se fixar na serra, conheceu a esposa Marta e teve seus dois filhos. Segundo Seu Cláudio, "foi rolando, a vida foi me levando. 'Deixa a vida me levar', como diz o poeta".

A vida o levou para a Grendene, marca de calçados, como supervisor de produtos. Sua experiência na empresa durou 16 anos, sendo

que os últimos oito foram em Sobral, no estado do Ceará. Nesta ida para o Nordeste, levou a esposa e a filha, enquanto Thiago, seu filho mais velho, foi para Porto Alegre estudar Música na UFRGS, seguindo em frente com a relação que o pai havia deixado de lado, ao menos profissionalmente, anos antes. Atualmente, Thiago é professor no curso de Música na UFPel (Universidade Federal de Pelotas), com o violão sendo seu instrumento de destaque, e possui um filho chamado Antônio, o primeiro neto do dono do Parangolé. A filha Ana Laura também veio para a capital gaúcha, mas para estudar Jornalismo, também na UFRGS, e hoje trabalha no Departamento de Difusão Cultural dentro da universidade.

O surgimento do Parangolé

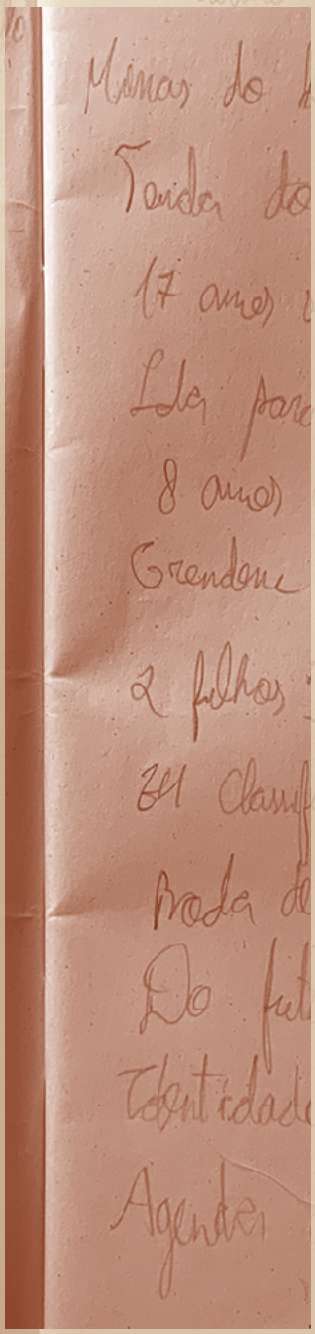
A abertura do bar não foi algo definido diretamente. Com a decisão de voltar à capital gaúcha, Seu Cláudio não tinha certeza do que queria fazer na cidade. "Quando tu sai de uma indústria do tipo que eu trabalhava, tu não está preparado para outro trabalho. Foram 16 anos me especializando naquela área, naquele tipo de produto, então, quando tu sai, não tem profissão, a menos que tenha se formado antes", conta. A partir do incentivo dos filhos, que frequentavam a Cidade Baixa, e com um pouco de confiança na experiência que teve na infância junto com o pai, o trabalhador resolveu se arriscar. A localização foi encontrada através dos classificados do jornal e, depois de algumas reformas, o Parangolé Bar foi aberto em 2006.

Um texto de Ana Laura, destacado no próprio local, diz que "Parangolé é uma palavra bonita, sonora, que encontramos no meio da canção 'A volta do malandro', de Chico Buarque. Trata-se de uma gíria antiga, que quer dizer 'malandragem', 'lábia', 'conversa sem sentido'". Desde o início, o estabelecimento possuía uma relação com a música e com as artes, algo que se fortaleceu e hoje faz parte da identidade do bar. Chorinho, seresta, bossa nova, MPB e música latino-americana são alguns dos gêneros que marcaram os 16 anos de Parangolé e continuam presentes no espaço.

Ademais, o bar já recebeu lançamentos de livros, exposições, apresentações de dança e muitas outras expressões artísticas, sem distinções. Além disso, a música abraça tanto aqueles que estão dentro do Parangolé como aqueles do lado de fora, sendo possível ver a curiosidade despertada em quem circula pelas calçadas a frente do estabelecimento.

A arte e a cultura são as bases do bar, algo vindo da própria trajetória de vida do seu dono. "É um ponto cultural, e isso para nós é importantíssimo, não ser apenas para beber mas que as pessoas possam trocar ideias", ressalta Cláudio com orgulho. "Se um músico quer e está precisando de espaço, porque a classe artística foi um grupo que sofreu muito com a pandemia, nós incentivamos, e as pessoas querem ouvir, querem um lugar com essa animação para esquecer um pouco tudo o que passamos", completa ele. O local já se encontra com a agenda cheia até o mês de novembro.

Além disso, a paixão de Seu Cláudio pela música continua firme e ao menos quatro vezes por ano, incluindo no aniversário do Parangolé e na Semana Farroupilha, é possível vê-lo tocar e fortalecer esse laço geracional com a cultura que guia toda a sua família. Com passagens por diferentes regiões do país e do estado, tendo trabalhado num ambiente artístico, num hospital e numa indústria, o pai/avô/marido/músico/empreendedor conseguiu estabelecer na Cidade Baixa um espaço em que sua identidade está completamente impressa e que espalha aquilo que ele tanto valoriza: a arte em suas mais variadas composições.



O cheiro que tinha um dia o próprio vento

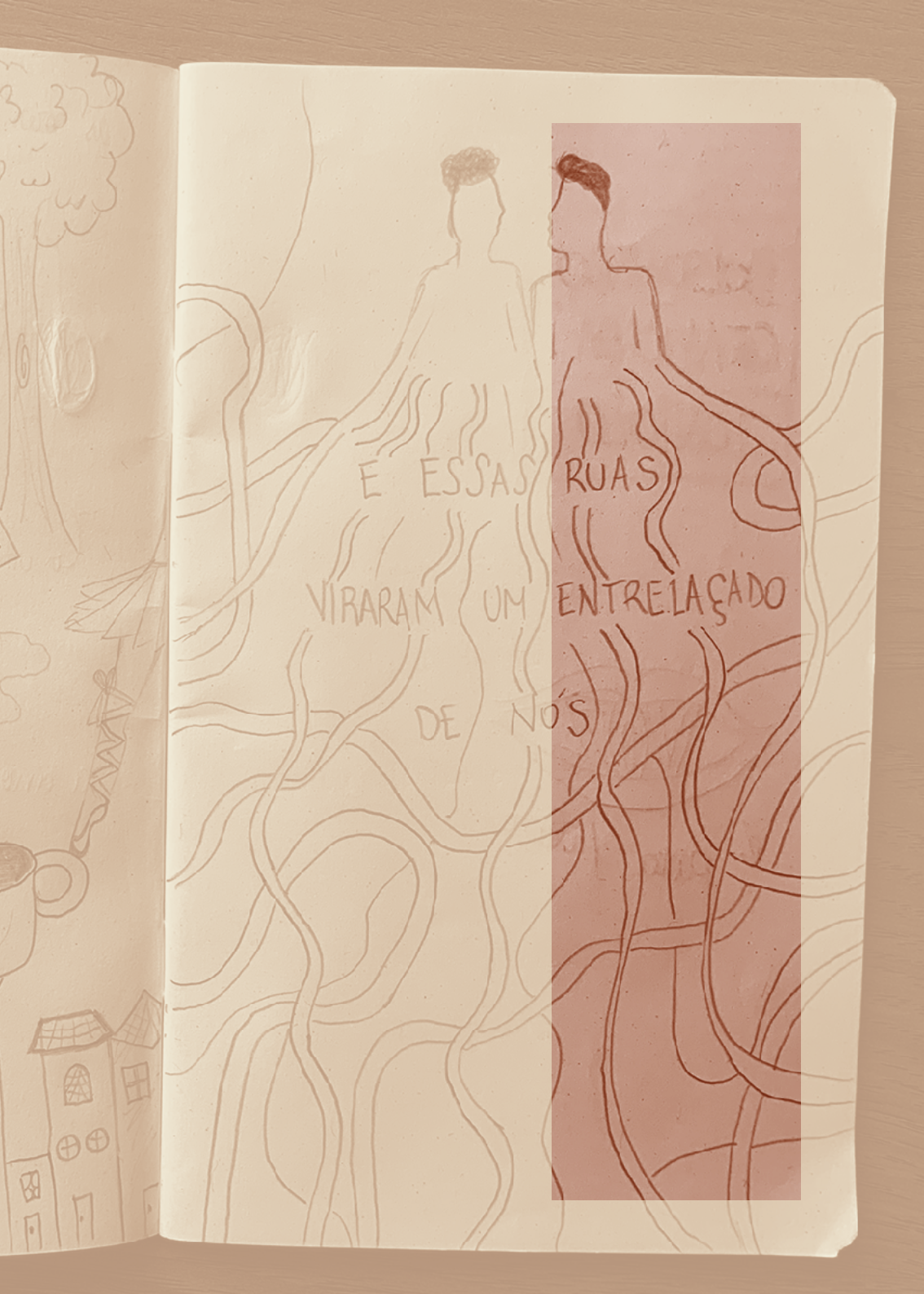
A Cidade Baixa é um lugar de cheiros e cheiradores. Alguns narizes desavisados podem achar que a atmosfera dos setenta e oito hectares que vão da Aureliano Figueiredo Pinto até a Loureiro da Silva se resume a gases como oxigênio e nitrogênio. Estariam cabalmente equivocados. A Cidade Baixa é um caldeirão onde fervilham os miúdos de Porto Alegre. Ali estão as fragrâncias de um cotidiano atravessado por indigência, bebedice, sacolas do Zaffari, obras faraônicas e rajadas de vento gelado.

Pensar o espaço como uma confluência de incitações sensoriais é uma maneira fiável de perceber as maneiras as quais as demarcações territoriais se estruturam em luta e conciliação. Quando uma narina suga o odor deliciosamente fumacento de carne na brasa enquanto a outra se empesteia com o amoníaco dos muros mijados, ali está um desacordo que não é possível esconder debaixo da boa intenção dos planos diretores. É um conflito fisiológico, orgânico, um assalto que ocorre no córtex de cada um. São desarranjos que escapam das confabulações perfumadas e exprimem de nós a reação mais primitiva sem quaisquer outros processos de ornamentação da realidade amorfa em que estamos inseridos. De cada lado das cavidades nasais, um universo semiótico que traceja o mundo cidadebaixeano como ele é.

Em minhas andanças pela Cebê, cuja maioria das vezes dá-se no frenesi turvo da madrugada, não me furto de ser invadido pelo bálsa-

mo que emana dessa entidade flutuante. Movo-me entre a fumaça de cigarros, o fermento das cervejas, o ranço de vegetais se decompondo nas lixeiras. O aroma se faz carne quando a colônia de uma moça venteia em meu olfato ou meu faro é agredido pelas colossais quantidades de bosta expelidas pelos cavalos da polícia. Por inanição ou avidez, existem aqueles que preferem entupir as cartilagens com o pó inodoro da cocaína, às vezes o azedo do clorofórmio sacolejando em uma lata de alumínio. E certamente tudo passa a ser mais tragável, pois o ar dessa capital há muito deixou de ser primavera para virar enxofre.

E falo de cheiros porque sinto que eles não me traem como o que me chega pelas retinas. Poderia eu me hipnotizar com os prédios que erguem-se contemporâneos e monumentais pela Lima e Silva se não existissem os que dormem na calçada do Pampa Burguer. Quem sabe até me encantaria um tinido de saxofone escapando de alguma janela da João Alfredo não fosse o ruído metálico de carrinhos de supermercado que não carregam alimento algum. Das paredes chapiscadas que tateio na José do Patrocínio restam-me senão o árido do reboco cortando em cinza as latitudes e longitudes dos baixios dessa cidade.


E ESSAS RUAS
VIRARAM UM ENTRELAÇADO
DE NÓS

O jeito menos porto-alegrense de ser porto-alegrense

Passados mais de 25 anos desde sua chegada a Porto Alegre, Fabrício Silveira não esconde – e sequer teria como – o apreço que tem pela Cidade Baixa. De lá pra cá, o santa-mariense viveu e produziu dentro dos limites do bairro que já foi palco de tantas outras histórias. Os pontos de intersecção entre o pesquisador, que hoje realiza o segundo pós-doutorado, e a Cidade Baixa são tantos quanto a própria natureza efervescente da região permite: o caráter multicultural, estudantil, festivo e democrático do bairro é o que impediu o comunicólogo de buscar moradia fora de lá desde 1995, quando chegou à capital gaúcha para ingressar na primeira turma de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS.

Fabrício conta que, logo após finalizar a graduação em Jornalismo, veio morar em Porto Alegre junto com um amigo e, a princípio, a decisão do local onde iriam morar não teve nenhuma grande justificativa. "Não houve uma escolha muito motivada. Era onde a gente achou um apartamento meio em conta pra alugar e tal. Aí acabou sendo na Cidade Baixa. Parecia um lugar bem situado na cidade, perto do Centro, perto do Bom Fim…", explica. Hoje, 27 anos depois da decisão, o pesquisador comenta que nunca mais saiu do bairro e sequer da mesma rua: "Depois aconteceu só de ficar trocando muito de apartamento. Um ano num lugar, aí no final do ano voltava a procurar outros, mas eu sempre morei na Cidade Baixa e, mais especificamente ainda, na

José do Patrocínio. Eu sempre morei, nesses 20 e tantos anos, na mesma rua".

Por conta das trocas constantes de residência, Fabrício ressalta o conhecimento empírico da região que adquiriu ao longo dos anos: "Eu acho que eu já vi, de apartamentos aqui na Cidade Baixa, uns 50. Eu circulo por aqui apontando quais os lugares que eu já vi pra alugar e quais os lugares que eu já morei". Dessa relação intensa e duradoura que o pesquisador cultiva com o bairro, algumas histórias se destacam. Fabrício relembra, por exemplo, do dia em que, em meados dos anos 2000, ficou sabendo que um dos seus amigos havia tido um pedaço da língua arrancado pela moça com quem ficava em um bar da região. "Eles estavam ficando juntos e, não sei o que aconteceu, mas ele deve ter se excedido, e a moça deu uma mordida na língua dele. Arrancou um pedaço. Aí ele saiu sangrando, todo ensanguentado, rolou um empurra-empurra, uma briga. Isso acabou virando caso de polícia", conta.

Ainda rememorando situações pouco agradáveis, o pesquisador destaca mais um causo do que descreve como "ilustrativo do que acontecia por lá": em um dos dias em que Fabrício não havia comparecido – por conta de uma ressaca decorrente do dia anterior – ao bar em que tradicionalmente passava as noites, um tiroteio aconteceu em frente ao local. "Começaram a bater no carro, alguém ofendeu o motorista e ele desceu do carro com um revólver. Foi um desespero, uma correria. O próprio dono do bar, que foi em direção ao cara tentando fazer ele parar, levou um tiro de raspão", explica Fabrício.

Apesar dos contratempos, a experiência do professor na Cidade Baixa sempre foi invariavelmente uma experiência da mesa de bar; para cada caso de polícia, inúmeras amizades que duram até hoje e situações que, rindo, descreve como "mais prosaicas" também foram presenciadas: "Depois botaram televisão lá no bar, aí a gente ia ver jogo, comemorar, subir nas mesas, tomar um trago. Aconteciam coisas normais também".

Fabrício ressalta alguns dos palcos mais importantes das histórias que construiu ao longo das quase três décadas no bairro: primeiro, claro, o antigo Ossip Bar – hoje rebatizado de Urso de Varsóvia. "Foi um bar que eu vi abrir, logo quando vim morar aqui. Eu conheci os donos e fui, junto com uns amigos, um dos primeiros frequentadores. A gente ia muito ali. Muito mesmo, até porque naquela época, 96, 97, era um dos únicos", comenta, ressaltando em seguida o teor das idas ao famoso ponto de encontro na esquina da João Alfredo com a rua da República: "Eu fiz muita noite lá. Muitas amizades. Muita merda. Muita discussão sobre temas sérios e temas irrelevantes. A minha experiência em Porto Alegre e na Cidade Baixa é muito vinculada àquele lugar".

Além do Ossip, o pesquisador também destaca a experiência cultural dos shows no Opinião, onde teve a possibilidade de acompanhar apresentações de bandas – inclusive internacionais, como a *Motorhead* – que gosta e acompanha. Hoje, "pós"-pandemia, Fabrício admite que a maior parte de suas saídas nos últimos dois anos se concentraram no Tango, um pequeno boteco uru-

guaio que abriu perto de sua casa. “Eu acabei simpatizando com o lugar, com essa coisa do futebol uruguaio, da música uruguaia e argentina, de comer carne. É basicamente o único lugar que eu tenho ido. É um bar perto de casa, reúne pouca gente, todo mundo meio que se conhece e acaba sendo quase um clube. Daqui a pouco tão te pedindo dinheiro emprestado, tu pendura a conta e paga na semana seguinte. Em pouco tempo, tu tá sabendo da vida de todo mundo, vira uma camaradagem mesmo”, acrescenta.

A pesquisa no bairro e o bairro na pesquisa

Voltado a partir de 2007 para discussões sobre a estética de processos midiáticos e urbanos, o trabalho acadêmico de Fabrício se encaminhou para o estudo do grafite e da pichação. Naturalmente, a Cidade Baixa se tornou parte fundamental de seus objetos de estudo. “Muitas das ações dos grafiteiros e desses coletivos de arte urbana que atuavam em Porto Alegre aconteciam na Cidade Baixa. Então eu ia fotografando esses atos, esses textos grafados na cidade e esses roteiros que os artistas de rua faziam”, explica, comentando também que, além do acompanhamento das pichações em si, Fabrício também mapeava toda a vida cultural que se desenhava em torno desses coletivos – isso incluía festas, eventos, pontos de encontro, comércios etc.

A Cidade Baixa era uma zona propícia para o desenvolvimento de uma cena porto-alegrense do grafite e de todo tipo de es-

critura urbana. “Tinham bares específicos que eles iam, lugares específicos que eles frequentavam, então eu tive que fazer uma imersão no bairro também com esse compromisso, movido por um trabalho de pesquisa na segunda metade dos anos 2000”.

As pichações, que são parte da marca registrada da Cidade Baixa até hoje, começaram a chamar a atenção de Fabrício por volta de 2005. “Acho que esse movimento, que foi muito efervescente nessa época, faz parte de uma democracia semiótica que é muito característica do bairro; é um bairro muito vivo e que apesar – ou talvez por causa – de todas as mudanças, a gente vai percebendo toda essa vida, toda essa expressividade”, explica.

Posteriormente, como continuidade da preocupação com questões estéticas da comunicação mas, agora, com outro tipo de objeto, a Cidade Baixa também foi palco, entre 2010 e 2015, das pesquisas de Fabrício sobre o rock alternativo gaúcho: “Nesse período, eu me dediquei a mapear essas casas de shows aqui do bairro. Onde essas bandas tocavam, quais os espaços que ainda havia pra essas bandas de rock e tal. Eu lembro que tinha o bar Signos, que era um bar punk daqui, podrão, que ficava numa esquina transversal ao Opinião e agora fechou com a pandemia”.

Nesse período, Fabrício destaca que seus interesses acadêmicos se confundiam com o próprio consumo cultural e o meio onde ele, enquanto morador e frequentador, estava inserido e circulava. Muitos dos artistas estudados, acrescenta, eram seus amigos.

“Esse meio do pop alternativo, estúdios, casas de shows e bares desse mundo meio under… eu tava muito metido nisso tudo. Era um espaço onde eu encontrava muita gente desse meu meio”.

Formas de controle e privatização do espaço público

Ao longo de quase três décadas morando no bairro, Fabrício percebeu dois movimentos que, embora contraditórios, estão intimamente entrelaçados. Primeiro, o pesquisador observou todo o processo de transformação da Cidade Baixa no grande epicentro da boemia porto-alegrense: “Quando eu vim morar aqui, no final dos anos 90, o lugar era movimentado, mas não era nem perto do que foi se tornando. Tinham alguns lugares, mas a João Alfredo, por exemplo, que hoje é cravejada de bares, não era nada disso. Aquela quadra ali não era nada do que foi virando”.

Nos últimos dois anos, no entanto, parece acontecer o inverso: devido ao isolamento, uma outra organização da vida noturna porto-alegrense começou a se desenhar. Diversos bares na Cidade Baixa fecharam e, embora outros surgissem em paralelo, estes eram abertos em focos diferentes do bairro, abandonando a nítida preferência pela região da João Alfredo.

Além da série de fechamentos e aberturas de estabelecimentos ocasionada pela pandemia, um replanejamento intenso do bairro (e da cidade) também começou a ser desenvolvido ao longo dos últimos anos. Em parceria com grandes construtoras da iniciativa

privada, a prefeitura passou a traçar estratégias para remodelar o urbanismo da Cidade Baixa e promover um desenvolvimento forçado da vida noturna em outras regiões de Porto Alegre.

"Houve um avanço do setor de construção civil, com muitos prédios sendo construídos e até cruzando quadras. O próprio centro comercial que construíram ao lado do Zaffari da Lima e Silva já virou um exemplo pra mais três ou quatro empreendimentos parecidos que tão sendo construídos aqui no bairro. É uma pena", observa o pesquisador.

Esse claro redesenho da Cidade Baixa – e da cidade como um todo – em função da expansão do mercado imobiliário se entrelaça com a segunda mudança observada no bairro por Fabrício: o aumento exponencial nos gradeamentos. "Eu lembro que quando eu vim morar aqui, essas grades que cercam os apartamentos e ocupam parte das calçadas não existiam. Ao longo do tempo, eu fui vendo a Cidade Baixa se gradear pra, principalmente, evitar que moradores de rua ficassem por ali", explica.

As novas configurações de ocupação do espaço se tornam, então, o que Fabrício aponta como uma maneira de controle da população. Os ambientes, ao se tornarem "semi-privados", com bares embaixo de prédios e locais de convivência dentro de grandes empreendimentos comerciais, facilitam estratégias de vigilância e regulação de lugares que antes eram públicos.

"Isso é, sim, um modo de vigiar e constranger algumas pessoas a não entrarem ali. Isso acaba limitando o uso daquele espaço. Quem se sente mais legítimo pra usufruir daquele lugar são determinadas pessoas, e não outras. A entrada é sempre mais facilitada pra uns do que pra outros", finaliza.

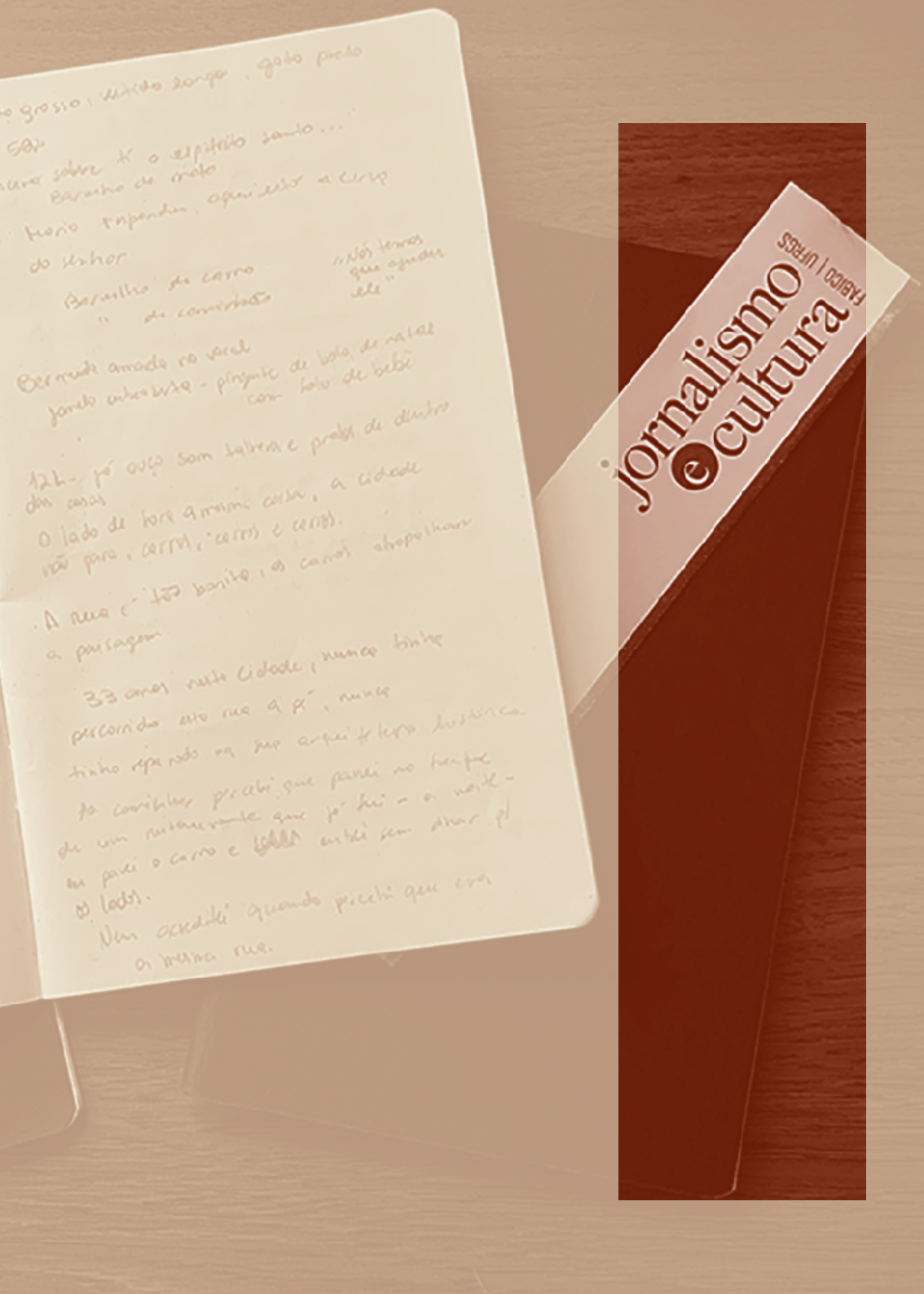
Toda territorialização é, também, uma desterritorialização

No diagnóstico de Fabrício, no entanto, esses movimentos se mostram, além de tudo, ineficientes. A Cidade Baixa, viva como é, sempre foi um espaço de festa, de livre circulação, de atravessamentos culturais. "Uma característica importante disso tudo é que esse é um bairro extremamente receptivo. Assim como eu, muita gente veio do interior morar aqui. O Tango, o bar que eu citei anteriormente, é um exemplo disso. Quem vai lá é só gente do interior, estrangeiros, gente de outros estados, da fronteira, da serra", explica.

Exatamente nesses espaços de maior convergência e agitação, é que se dão as maiores dificuldades nas tentativas de controle e vigilância: "Dada justamente essa visibilidade, esse movimento de territorialização sempre corresponde a uma nova desterritorialização, né? Então sempre vai acontecer aí uma nova linha de fuga que vai reagrupar coisas e pessoas. Por mais fortes que sejam esses movimentos, sempre vai aparecer uma outra margem que deve

dar vazão àquilo que tentaram controlar. O bairro não existe nas decisões da prefeitura, e sim na vida das pessoas".

E a Cidade Baixa que existe na vida das pessoas é, como Fabrício ressalta, a Cidade Baixa de todos os tipos de pessoas: o caldo cultural que gesta o bairro como conhecemos é fruto de quem vem de todo lugar do mundo – da América Latina à África e do interior do Rio Grande do Sul ao Nordeste. A multiplicidade presente na constituição desse espaço é o que mantém, a despeito das inúmeras tentativas de cercamento, a Cidade Baixa viva e sendo o que é e sempre foi: "Um espaço em que a gente pode discutir literatura, política, rock gaúcho e chinelagem em uma mesa de bar", explica Fabrício, antes de acrescentar, rindo, que "é um espaço não muito porto-alegrense em Porto Alegre. É um modo de ser porto-alegrense que é muito melhor – produzido nesses encontros, na festividade, por gente que não tá aí pelo dinheiro".


jornalismo
e
cultura
FABICO | UFRGS

O primeiro rolê

Como uma boa jovem moradora da região metropolitana – Cachoeirinha, sendo mais precisa –, Porto Alegre sempre teve um ar de cidade grande, de 'coisa de adulto' pra mim. A Cidade Baixa, então, nem se fala. Era lá que a magia toda acontecia, que as noites eram mais legais, as festas mais divertidas, tudo mais incrível. No auge dos meus 17 anos, sofria ouvindo os relatos das "festas na CB" e de como nada que acontecia no reduto Cachoeirinha-Gravataí (único o qual eu tinha acesso), era tão legal quanto o que acontecia por lá. Ouvia todas histórias com um ar de desdém, como quem não se importava de ser menor de idade e de não ter dinheiro para frequentar aquele tipo de festa, enquanto sonhava com o dia que eu andaria por aquele bairro (que eu nunca tinha ido) e viveria todas as coisas que só "acontecem na CB".

Até que um dia, eu fui. Ainda sem ter completado a maioridade, me muni de uma identidade que não era minha e embarquei no meu "primeiro rolê na CB" com o dinheiro suficiente apenas para entrada da festa. A via sacra até lá consistia em ir até o shopping de Cachoeirinha (que dava cerca de uns 7km da minha casa) para encontrar alguns amigos, esperar por um ônibus específico que nos deixaria na Loureiro e, de lá, caminhar até a tal festa. Debaixo de chuva, lembro de pensar que a Cidade Baixa não me parecia tão incrível quanto me relataram, ainda assim, era sexta-feira à noite e tal qual todos os jovens realmente descolados de Cachoeirinha e região, eu estava em "um rolê na CB".

Depois dessa experiência, só voltei a frequentar a vida boêmia da Cidade Baixa mais velha e com minha própria identidade e confesso que andar por aquelas ruas à noite, tão apinhadas de gente, bares, sons, luzes, ainda fazia eu me sentir especial. Diferente. Descolada. E assim como boa parte dos jovens metropolitanos que almejam se mudar para Porto Alegre, eu pensava: que sonho seria morar na Cidade Baixa. Mesmo que, àquela época, ainda que eu não soubesse (pois o meu senso de direção era limitadíssimo) a minha Cidade Baixa estava restrita em duas ruas: República e Lima e Silva. Mas imaginem quão bom, fácil, moderno, jovial seria estar tão perto dos bares? Das festas? Da faculdade? Da Redenção? Seria a própria Manhattan para a Flávia de 21 anos que tinha acabado de entrar na faculdade de Jornalismo e recém assistido às seis temporadas de *Sex and The City*.

Acontece que, poucos anos depois, para ser sincera, a minha relação com a Cidade Baixa mudou. Já adianto que não foi em função do sonho de morar lá, que não se materializou. Atribuo a mudança na minha relação com o bairro diretamente ao turno em que passei a visitá-lo com mais frequência: troquei a noite pelo dia.

Se antes as andanças mais frequentes eram até o Zaffari da Lima e Silva para comprar bebidas duvidosas, hoje caminho por aquelas ruas atrás de um lugar aberto para almoçar num domingo preguiçoso. Com confiança e sabendo as esquinas em que viro, procuro por cafés em que ainda não fui. Vou no meu restaurante

de sushi favorito na Lopo Gonçalves, em frente àquelas casinhas construídas em meados de 1940 e que ainda têm um charme e tanto. Visito minha chefe e amiga, que mora na República 556, num apartamento cuja varanda permite que a gente observe as pessoas passando, indo e voltando pelo bairro. Aos sábados, gosto de ir na feira, ali no Largo Zumbi dos Palmares, tomar caldo de cana.

Mas não me entendam errado, eu ainda frequento alguns bares e sou uma defensora ferrenha da Cidade Baixa como o verdadeiro reduto boêmio, característica que pertence a ela desde a sua fundação, ao invés do tal do Quarto Distrito que não é nem um bairro. Contudo, minha relação com essas ruas não é mais a mesma. Talvez pela frequência com que passo por lá de dia e com todas as cores que eu passei a enxergar naquele bairro que a escuridão da noite não nos permite ver. Talvez pelas memórias novas que criei enquanto caminhava por lá, sozinha ou acompanhada, observando os detalhes que antes me passavam despercebidos. Os apartamentos com varanda, os cachorros e seus donos, as casas e os traços da história de Porto Alegre que ainda resistem ao tempo.

Agora, a Cidade Baixa tem mais do que aquelas três ruas (mesmo que eu não saiba o nome de todas), mas já não habita mais o meu imaginário. Nos conhecemos melhor e nossa relação amadureceu de uns anos pra cá. E, apesar de não ser mais o bairro dos sonhos da Flávia de 24 anos, ela soube me conquistar e fidelizar minha presença. Pode ser que daqui algum tempo tenhamos uma

nova relação, mas, por ora, continuo vivendo todas as experiências que as noites na Cidade Baixa permitem e desfrutando de cada canto novo que conheço lá de dia, quando o bairro é realmente ele e eu sou realmente eu.

Casinhos na
→ Lopo Gonçalves

Tombados
como
patrimônio histórico

(quase em frente ao Homadaya)

CB/Cidade Baixa

Gabriel Centeno

CB

Duas letras cujo significado normalmente é associado com festas, álcool, diversão, zoeira. Substantivos que se ligam com alegria e agitação, algazarra e que juntos formam, automaticamente, uma imagem noturna. Clara, mas noturna. Porque a noite na Cidade Baixa é sempre mais clara que o dia.

Bater pé nessas ruas em plena luz diurna é "peculiar". As fachadas de vários bares e casas noturnas, iluminadas pelo sol, dão essa sensação de "estranho, mas conhecido, e diferente." Mas é a mesma CB da noite que, de dia, tem muito mais cara de Cidade Baixa mesmo. Cara de séria.

Numa terça de manhã, o contraste é ainda maior. Passa por mim um grupo de jovens, parecem ter a minha idade. Me pergunto imediatamente se pensam o mesmo que eu. Se observam e percebem, ainda que um pouco, desse mesmo contraste entre CB e Cidade Baixa. Talvez sim, mas não devem navegar nesses pensamentos com tanta frequência. Ou navegam? Ficou o questionamento.

Ficaram também as várias faces que, de dia, são bem mais fáceis de observar. Junto com os pequenos detalhes das várias casas. Maiores e menores, antigas ou contemporâneas (ainda que essas últimas sejam minoria e se concentrem na forma de prédios).

Com faixas, anúncios, flores, escudos de times. E até pequenos altares religiosos.

Com isso em mente, a CB passa a ter ainda mais cara de Cidade Baixa, mas um pouco menos séria e mais aconchegante. À medida que vou caminhando por essas ruas conhecidas e desconhecidas, meio sem rumo e me deixando perder, os caminhos passam a ter mais cara de casa. A despeito do constante som de veículos, alguns mais barulhentos que outros, a calmaria ainda reina no dia, no mesmo espaço em que, à noite, calma é uma palavra que não parece combinar com o bairro.

Seguimos eu, meus fones de ouvido e o caderno, que particularmente não usei muito (mas sinto que deveria). Uma pequena rua com casas todas coloridas inevitavelmente me chama atenção. Em uma delas, um homem e uma mulher trabalham com algum tipo de peça, não consegui identificar. Ele, que usa cadeira de rodas, passa mais tempo observando. E naquela rua me vem a imagem de um pequeno carnaval. A imagem mental se sobrepõe à real. Será que eles gostam de carnaval? Será que o carnaval um dia passou aqui? Passou, como descobri dias depois.

A caminhada, agora guiada, mostra que a CB também é história viva. Uma cidade, hoje tem seus 1.4 milhão de habitantes, tem boa parte de sua história concentrada nesse bairro, que é bem mais lembrado pela vida noturna e, vez ou outra, aparece no jornal por alguma ação policial, resposta dessa vida noturna.

São tantos pontos, tantas histórias que faz parecer que a (um pouco infame) Cidade Baixa é quase outro mundo. Impossível não imaginar tudo isso em uma outra era. O bairro que atravessou séculos e que, ainda hoje, é o coração desta capital, talvez um pouco da cara também. No fim das contas (e das caminhadas) é a mesma Cidade Baixa de Porto Alegre, ainda que não pareça com a CB à noite e com a Cidade Baixa de dia.

· Lima e Silva
↳ Rua Olaria
↳ O que restou foi a Nova Olaria

Rua da República
-
Rua do Imperador

Venâncio Aires
-
Rua da Imperatriz

SOFIA VELOSO

· Das 10 mil ruas de PoA, cerca de 500 têm nome de mulher

· Teatro de Câmara Túlio Piva
↳ 1970
↳ Foi feito p/ durar 5 anos
↳ mantido

· Quilombo do Silva
↳ 1º quilombo urbano do país

· O Areal da Baronesa pode se tornar

Joaquin
-176

venânci
-

O príncipe da Cidade Baixa

Do Bará do Mercado Público até o Palácio Piratini, Custódio Joaquim de Almeida, ou Osuanlele Okizi Erupê, como era conhecido em seu país de origem, está por todas as esquinas de Porto Alegre. Em nenhum outro conjunto de casas você encontrará as marcas dele tão bem como na Cidade Baixa, bairro onde morou, festejou e fez família.

Entretanto, não se engane, não é nada fácil falar sobre Custódio. As lacunas deixadas pela parca documentação de registros sobre seu percurso no Brasil, suas relações com a burguesia porto-alegrense e sua identidade ainda intrigam historiadores. Através da oralidade, algumas informações, nem sempre verídicas, foram transmitidas com o passar dos anos. Somadas aos documentos reunidos por antropólogos e historiadores, podemos traçar algumas certezas sobre o homem que não somente habitou a Cidade Baixa, mas que também foi o príncipe deste lugar.

Segundo documentos reunidos pela antropóloga Maria Helena Nunes, que estuda a história do Custódio há mais de 20 anos e realizou seu mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Custódio nasceu em 1831 em Benim do Bendel (ou Reino do Benim), na Nigéria. Acredita-se que sua imigração havia sido motivada pelo imperialismo britânico e colonialismo europeu. Após sofrer ameaças, o príncipe propôs um acordo à Coroa Inglesa: se exilar no Brasil, contanto que seu povo se visse

livre da dominação da Inglaterra. Assim foi feito. Inicialmente, Custódio desembarcou em São Paulo, supostamente em 1898 e passou a peregrinar por outros estados, como Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Os búzios lhe indicaram que deveria migrar para o sul do Brasil, onde passou por Rio Grande, Pelotas e Bagé, até chegar a Porto Alegre no ano de 1901. Custódio se sentiu em casa quando chegou na capital gaúcha. O clima do Rio Grande do Sul lhe lembrava de seu país natal: calor no verão e frio no inverno.

No início do século XX, a Cidade Baixa era ocupada predominantemente pela população negra, principalmente nas áreas correspondentes ao Areal da Baronesa e à Ilhota, devido ao contexto pós-abolição. O príncipe, então, se alojou no bairro. Entretanto, Custódio tinha contato direto com a elite da cidade e, segundo a história oral, praticava turfe, esporte de corrida de cavalos da alta elite e foi curandeiro de Júlio de Castilhos, presidente do estado e quem trouxe o babalorixá à capital gaúcha. Quando Júlio de Castilhos conheceu Custódio, os médicos haviam dado um mês de vida para o presidente, mas ele viveu por outros 15 anos, segundo Maria Helena. Acredita-se que os poderes de Custódio tenham sido responsáveis por isso.

O príncipe do povo

Não demorou para que a existência e o poder exercido por Custódio se tornassem símbolos da luta antirracista, pela livre

expressão de cultos africanos e afro-gaúchos. Custódio foi reconhecido por muitos como o principal disseminador do batuque no Rio Grande do Sul, compondo a genealogia da religião, dada à forte influência da religião pelas cidades que passou. As festas e celebrações religiosas a portas abertas, realizadas pelo príncipe e sua família, são lembradas por reunir muitas pessoas, que expressavam suas crenças, dançavam e cantavam axés (rezas) em alto e bom som pelas ruas da Cidade Baixa, suscitando um sentimento de comunhão e conexão com o sagrado.

O legado de Custódio é imaterial e se mantém tão vivo quanto antes. A pedra energizada supostamente enterrada por ele sob a encruzilhada do Mercado Público atrai adeptos de religiões afro-gaúchas até os dias de hoje e incentiva a livre expressão religiosa daqueles que por muito tempo tiveram de reprimir sua fé. Há, ainda, barás enterrados na Igreja das Dores, na rua dos Andradas e no Palácio Piratini, que formam um triângulo na cidade, simbologia sagrada para a religião de Custódio. Maria Helena Nunes conta ainda que há outras pedras enterradas sobre a cidade, inclusive na Cidade Baixa, porém não pode contar aonde.

Custódio nunca foi homem de se reprimir, sabia que não precisava se submeter a ninguém e fazia questão de ser respeitado. Na ficha do príncipe, encontrada pelos historiadores Jovani Scherer, mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e Rodrigo de Azevedo Weimer, doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), o primeiro dos do-

cumentos era um auto de qualificação. Segundo relatos, o príncipe havia se envolvido em uma briga com "um português" em um bar, após o homem tê-lo tratado como escravizado. Custódio defendia sua posição de homem livre e, sobretudo, demandava tratamento digno.

A ancestralidade agudá de Custódio, percebida por Jovani e Rodrigo, explica o papel de mediador que passou a exercer durante o tempo em que viveu na Cidade Baixa. Os agudás eram um grupo que se movia entre os poderosos e os menos afortunados, o que se encaixa perfeitamente no contexto das relações do príncipe com as castas dominantes. Suas festas contavam com as ilustres presenças de autoridades como Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros e Getúlio Vargas. A utilização das relações com a classe política por Custódio foi o que lhe garantiu a posição social em que ele se encontrava e, por meio disso, pôde desenvolver um canal de comunicação direto. Essa influência do príncipe é apontada por antropólogos como um fator que contribuiu na luta antirracista do povo negro da capital, sobretudo na Cidade Baixa.

Morador da rua Joaquim Nabuco, Custódio Joaquim de Almeida faleceu aos 104 anos, em 28 de maio de 1935. Sua data de falecimento e idade estavam registradas em sua certidão de óbito e nos necrológios da época. Ele foi casado com Serafina de Almeida, com quem teve cinco filhos. Por ordem de nascimento, eles se chamavam: Araci (?), Domingos (1907), Dionísio (1911), Pulcheria (1912) e Joaquina (1918). Atualmente, sua herdeira mais direta

é a filha de Domingos, que, assim como a avó, se chama Serafina. Os filhos de Serafina e bisnetos de Custódio são: Marcos, César e Caio, também por ordem de nascimento.

A família de Custódio se mantém no mesmo bairro. Sua neta Serafina conta que não é sempre que escolhe compartilhar com as demais pessoas sua condição de princesa. Na infância, seus colegas costumavam fazer piadas quando contava ser uma princesa. Acreditavam ser insólito uma menina negra ser parte da realeza. O racismo afeta diretamente a subjetividade de pessoas pretas, por isso a existência de Custódio é tão importante, pois empodera e dá voz a esta população, que pode e deve se insurgir.

Algumas descobertas

A surpresa (ou "*plot twist*") fica para o final: a informação mais esclarecedora encontrada por Jovani e Rodrigo em sua pesquisa: Custódio, supostamente, nunca foi um príncipe. No auto de qualificação, o príncipe revela o nome de seu pai: Joaquim de Almeida, um homem muito poderoso e bem afortunado, escravizado após as guerras que dissolveram o império de Oió, e que depois foi levado à Bahia, onde se tornou um dos homens mais ricos do estado. Apesar disso, o pai de Custódio, diferente do que se pensava, não era um rei, mesmo que seu filho tenha sido reconhecido como príncipe em Porto Alegre. Maria Helena Nunes, no entanto, discorda dessa teoria. A antropóloga chegou a visitar

a família de Custódio no Reino de Benim, na Nigéria, e defendeu sua dissertação de mestrado com base na história do príncipe.

No entanto, independente de qual seja a versão correta, o caráter simbólico da história do príncipe para a luta antirracista e na livre expressão de cultos africanos já é intangível. Custódio pode até mesmo nunca ter sido um príncipe na África, mas pelas ruas da Cidade Baixa, seu principado foi reconhecido por qualquer um que esbarrasse com ele, não só por sua forma de se vestir ou de se portar, mas pelos inúmeros sentidos e significações que a sua existência proporcionava e ainda proporciona. Ele ainda está vivo na rua Joaquim Nabuco e nas demais ruas do bairro, no imaginário porto-alegrense e nas crenças de milhares de pessoas.

PASSEIO GUIADO — CIDADE BAIXA

- Casas em fita
  - 1980 - tombada
  - 1940/50 - construção
- Cidade Baixa era bairro de classe média/baixa
  - museu
    - Comerciante, vereador, ajudou a fundar a Igreja das Dores
- A menos de 2 metros no chão da CB, há água corrente
  - O que explica a umidade
- A casa mínima → 2m04cm largura cozinha / 1m40 sala
- Na época, um terreno entre a várzea e a Rua da margem foi doado pelos herdeiros de Zopo
- Príncipe Custódio
  - Conselheiro/curandeiro de Borges de medeiros e Júlio de castilhos
  - morreu c/ 104

Sol de sábado na Nabuco

Aos sábados, um dos bairros mais movimentados de Porto Alegre, acorda silencioso de uma noite agitada. O sol vai despertando os prédios desalinhados, velhas estruturas ao lado de novos empreendimentos. Pela luz da manhã, sagrado e profano condensam-se na João Alfredo vazia.

Nabuco corta o ambiente calado com vozes e olhares curiosos. Um corredor de roupas e acessórios antigos abre-se até a General Lima. Calças de cintura baixa, estilo 2000, até casacos alemães dos anos 70, com etiqueta CGC. O brechó "vintage" reúne um universo nem tão seleto de indivíduos que querem algo histórico e único, por uma pechincha.

"É couro legítimo", diz uma vendedora. Alguém arremata a jaqueta por oitenta reais e some na antiga rua Venezianos, agora rua Joaquim Nabuco. De minuto em minuto, o claro corredor torna-se um labirinto de pessoas farejando histórias em peças de roupa. Ávidos por alguma lenda ou caso, mal sabem que onde pisam jazem memórias de muitos anos atrás que não podem ser vendidas em uma feira como essa.

Entre cafés, bares e baladas, situa-se Joaquim Aurélio Barreto Nabuco, escritor e político recifense, muito importante para a luta abolicionista de sua época. Foi apenas em 1936, que a rua ganhou seu nome, pela assinatura do vice-presidente da câmara

que decidiu deixar o nome Venezianos apenas para a Travessa. No início, somente 46 casas davam forma à via pública que ainda não atingia a rua da Margem (João Alfredo).

Embora nunca tenha pisado em terras gaúchas, o ativista político de família aristocrática era um libertário. Seu nome é uma homenagem à liberdade de um povo sofrido que passou por ali. Escravizados, que procuravam refúgio em moradias baratas e compartilhadas, formaram as ruas que hoje diversas pessoas passam apressadas. Nesse sábado de sol, muitas mãos procuram algo para preencher seu dia. Procuram vestir o passado em peças antigas de muitas décadas atrás.

Mesmo de longe, Joaquim veio parar aqui, como nome de rua em um bairro boêmio. Bairro tão diferente de sua história, mas que ainda respira suas lembranças. Seja por meio do burburinho de uma feira de antiguidades ou pelas vozes históricas das ruas, a luz da manhã se esvai e o povo de uma Cidade Baixa finalmente acorda.

Rua Joaquim Nabuco.

locais bastantes insalubres - ilhota

Abolicionista (O abolicionista)

Academia Pr. de letras

→ Recife

→ familia rica.

A loja é minha mãe

"O que eu mais gosto de fazer é viver." É o que Andréa responde quando pergunto o que ela mais gosta de fazer. Sentada em uma cadeira de plástico verde, com o calor do sol esquentando as bochechas, a história de Andréa e da Loja Sirius é contada. Não há como falar de uma sem falar da outra.

Sem muita pressa, servindo um chá em um quintal quase secreto localizado aos fundos da loja, ela revela que aquele foi o espaço em que brincou na infância. A casa, localizada na rua da República nº 304, era de seus avós, terreno que foi comprado de uma família de franceses. Andréa Cocolichio: 50 anos, jornalista, pisciana, terapeuta holística e uma das integrantes do comando da Loja Sirius. Muito grata pela sua história e pelos seus antepassados é uma mulher com fé no poder da transformação.

Conversar com Andréa foi como ter uma aula sobre a existência. Descobri que a cada sete anos entramos em um novo ciclo da vida e que a principal característica do nosso signo solar não é o que temos de mais forte, e sim justamente a parte que precisamos desenvolver. Foi uma conversa subjetiva, mas que fazia muito sentido.

"Quando a gente tira as nossas camadas, a gente consegue se acessar". Adepta da terapia de florais, acredita que o melhor investimento que pôde fazer na vida foi investir em si mesma. Mes-

mo sendo viciada em saias sári, peça tradicional indiana, conta que não compra roupas há dois anos, porque considera que quando cuida do lado de dentro (espírito), o externo é só um detalhe.

Quem é Sirius

É necessário muito cuidado ao entrar na Sirius, pois antes de ingressar naquilo que chamamos de loja, estamos entrando na casa de Catarina, a gata. Catarina, gatinha malhada em branco, amarelo e preto, mora na loja e atua quase como uma guardiã protetora. Deita-se ao lado do caixa em uma caixinha com seu nome estampado e se acomoda num cobertor quentinho. Ela interage com os clientes e parece entender tudo o que conversam com ela. Na comemoração dos 20 anos da loja, Andréa a convidou para ser a garota propaganda e pediu que posasse para uma foto no local escolhido. "Vem Catarina tirar uma foto, ela veio, parou, olhou duas vezes pra foto e saiu."

A loja, que leva o nome da estrela mais brilhante do céu, era da mãe de Andréa e foi aberta na garagem de casa em 1996, no atual endereço. Em dezembro de 1997 foi realizada uma feira de final de ano na sala de casa, porque havia muitos produtos na loja (na época, garagem). No ano seguinte, ampliaram para mais uma sala e, aos poucos, a loja foi tomando conta de toda a casa. A mãe de Andréa, Elaine Ludwig Cocolichio, era professora, se aposentou e ficou dois anos só estudando para conseguir abrir o empreendimento. Entre tanta diversidade que o espaço apresenta, uma história curiosa. Andréa me conta que antigamente a

loja também abrigava um grupo de estudos sobre extraterrestres e explica que a mãe buscava entender o universo.

Há sete anos, ela efetivamente trabalha junto com os irmãos levando o legado da matriarca. Após o desencarne, forma que Andréa prefere se referir ao falecimento da mãe, os três irmãos assumiram a loja. Um período misto de ansiedade e alegria, conta ela, pois tinha muita vontade de fazer coisas novas. Hoje, os irmãos dão cara ao estabelecimento, mas toda a idealização foi da senhora Elaine: "A loja é a minha mãe."

Uma das maiores lições de vida que Andréa carrega é sobre como sua mãe conseguia integrar as coisas. A loja é universalista, ou seja, trabalha com todos os segmentos, não tem diferenciações entre pessoas e acolhe artigos de todas religiões, crenças e filosofias. Lá encontramos imagens e símbolos de Budas, Xamãs, bruxas, Ganeshas, cristais, incensos, livros e uma infinidade de artigos voltados para a fé. "Cada um utiliza uma ferramenta e um caminho, mas é uma busca de todos, que é a busca de um entendimento maior de quem somos, o que somos e para que somos".

Mulher de fé

Ao trabalhar na loja, Andréa entendeu que todos somos seres individuais que vivemos dentro de um coletivo e que cada um tem a sua verdade. "Não existe ninguém mais, nem menos, nem melhor, nem pior. Existem peculiaridades de cada ser, mas todos

nós estamos dentro do mesmo processo que é evoluir. Quando todo mundo entender isso e parar de rotular e reclamar, a nossa humanidade toda vai mudar. Existem milhões de ferramentas externas, mas elas são auxiliares, porque tudo está dentro da gente."

O autoconhecimento faz parte da vida. As pessoas se perguntam por que as coisas não dão certo. Ela explica com cuidado e empatia que não é que as coisas não dão certo, às vezes as pessoas não estão fazendo as conexões certas. Tudo depende de onde você quer se conectar. "Com o que você está conectado? Com a escassez, com o medo, com a angústia, ou com a coragem, com a verdade, com alegria?"

O processo de descobertas é profundo, como comentei. Foi uma conversa subjetiva, mas que faz sentido. Ela explica que entender a nossa força interna e a nossa individualidade é o que vai permitir que busquemos a felicidade. As pessoas precisam encontrar as próprias verdades e não a verdade dos outros. A conversa é interrompida por Filó, cadelinha preta do irmão de Andréa. Com um latido forte e imponente vindo em minha direção, como quem diz, "tem uma estranha por aqui!", cheira meus pés e logo abana o rabo depois de fazer um reconhecimento.

Raízes

Apaixonada pelo bairro, nasceu e cresceu na Cidade Baixa, se lembra que quando era criança brincava de taco e esconde-esconde

na Travessa Batista. As lembranças da época também estão relacionadas às marcas que os lugares deixam. Na infância ficava com os amigos espiando uma casa geriátrica que considerava assustadora e que atualmente não existe mais. As ruas eram mais espaçosas, sem tantas grades nas casas e com bem menos movimento do que se tem hoje. Andréa já morou no Menino Deus, mas sempre teve um apego com a Cidade Baixa, que é onde mora atualmente.

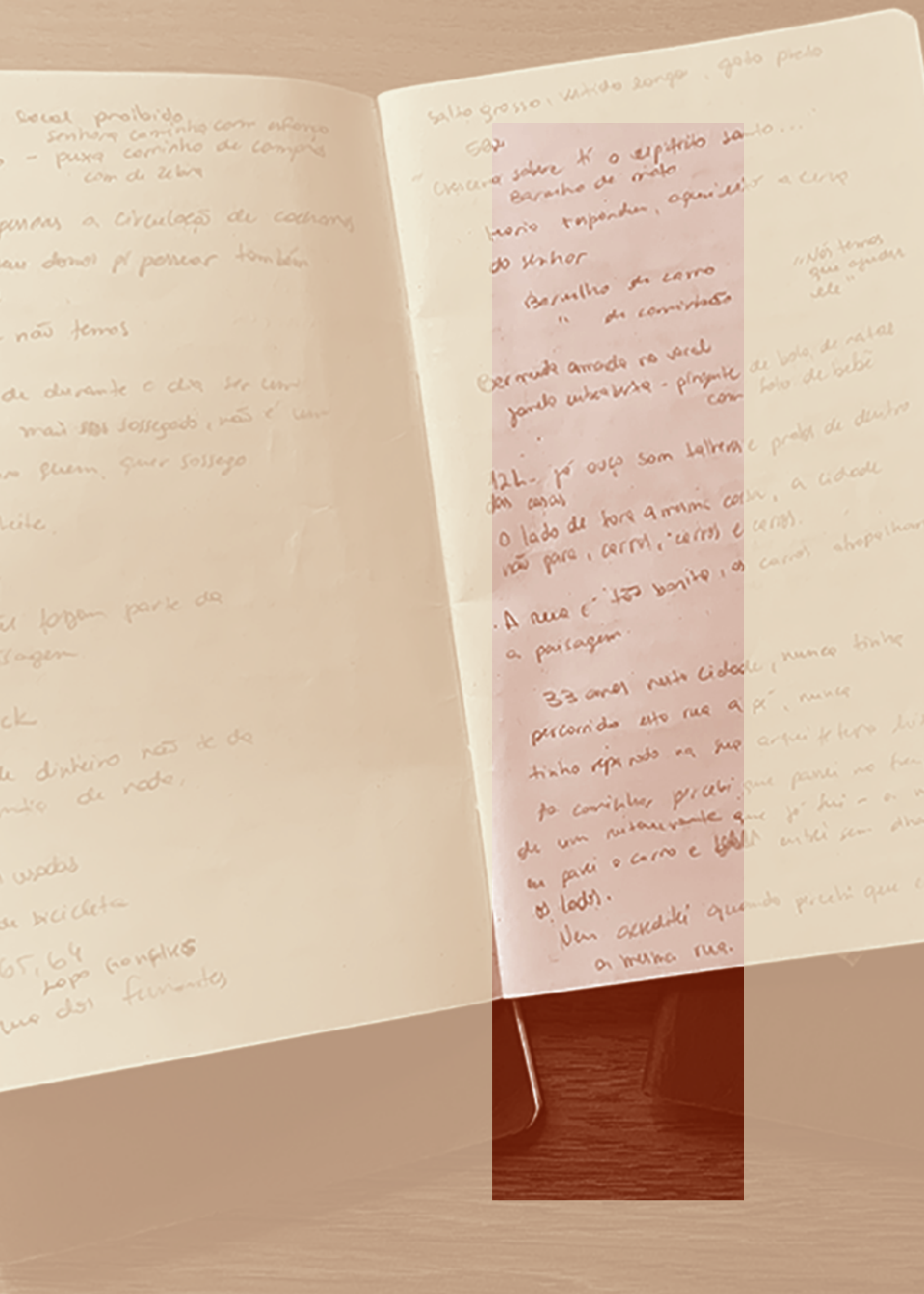
O bairro está passando por um processo de mudança e ela soube se adaptar a isso. Um espaço do terreno da loja foi alugado para acomodar um showroom de venda de um condomínio que está sendo construído no terreno ao lado. Para visitar o showroom, os clientes precisam passar por dentro da loja. Ela comenta que o bairro também está mudando com relação aos tipos de negócios. Por uma época foi um bairro muito boêmio, mas esse crescimento está atraindo outros comércios e torce muito para que isso aconteça. Vê de forma muito positiva o surgimento de mais restaurantes, cafés temáticos e o desenvolvimento cultural. Como já trabalhou com fotografia, teatro e dança, entende que um público diferente gera mais possibilidades. Valoriza muito a agenda cultural e fala com empolgação da reforma do Teatro de Câmara, situado na mesma rua da loja. Mesmo sendo cinéfila, não curte muito ir ao cinema dentro de shoppings, o que a faz relembrar com saudade o quanto era bom ir ao cinema Baltimore, que ficava ao lado da Lancheria do Parque.

Respostas

Engana-se quem acha que o que as pessoas mais buscam na loja são incensos ou cristais. “As pessoas vêm procurar respostas”. Com um número cada vez mais alto de pessoas com problemas e transtornos mentais, o que assusta Andréa é o número crescente de pessoas perdidas. Na maioria das vezes, os clientes buscam algo relacionado à questão energética, de limpeza; quando sentem-se pesadas e sobrecarregadas vêm em busca de algo que auxilie a encontrar um caminho para uma melhora.

Segundo ela, o universo encaminha mensagens, mas para entendê-las depende da fase em que estamos na vida, e é preciso estar atento. “Que nem livros, tu olha e nem percebe, em outro momento da vida, o teu olhar vai passar e se conectar com a mensagem daquele livro e vai querer ler, porque tem a ver com o teu momento da tua vida. A humanidade está se dando conta de que a vida não é só isso que vemos, tem um algo a mais.”

Andréa adora a vida, adora as conexões, o autoconhecimento e a espiritualidade. Esse é o seu mundo. Gosta de sol, gosta de ajudar pessoas. Na nossa conversa, me despedi três vezes, mas sempre surgia mais uma pergunta e mais uma resposta.



Devaneios de almoço

Era quase meio-dia quando eu me sentei em um restaurante na rua João Alfredo, na Cidade Baixa, famoso bairro boêmio de Porto Alegre que sonha em ser Moinhos de Vento. Uma segunda-feira, e eu ainda sentia a ressaca de uma leve bebedeira de domingo (afinal, já não tenho a mesma resistência de anos anteriores). Tudo o que eu precisava era de uma Coca gelada.

Estava com pouco tempo. Às 13h, eu tinha que estar na repartição para começar mais uma semana de trabalho, então logo chamei o garçom e pedi uma bebida antes de ir no bufê:

– Uma Coca, por favor.
– Só temos suco.

Começamos bem, pensei ironicamente. De qualquer forma, o meu desejo por glicose seria sanado. Tudo bem. Pedi um suco de laranja e fui até ao bufê. Um pouco de arroz, um pouco de feijão, algumas iscas de frango, uma salada e um pastelzinho para acompanhar.

Finalmente servido e de volta à mesa, retomei a minha lamentação. Passei boa parte da manhã no bairro em busca de alguma coisa que pudesse usar na minha escrita, mas não tinha chegado a lugar nenhum. Várias possibilidades e, mesmo assim, nenhuma delas me atraía ou sequer se apresentava como algo concreto a ser abordado.

Foi aí que eu decidi me atentar às conversas alheias. Afinal, restaurantes são lugares de encontros pontuais entre amigos, familiares e desconhecidos. Sempre tem algo curioso a se retirar de um diálogo qualquer ou de um simples silêncio na mesa. E como eu estava sentado em uma mesa de canto, virado para o centro do estabelecimento, também tinha uma boa visão de (quase) todos que almoçavam ali.

Primeiro, direcionei minha atenção para um grupo de oito amigos que estava numa mesa do meu lado. De cara, imaginei que deveriam estar comemorando alguma coisa, pensamento que não demorou a ser confirmado, já que, em seguida, eles entoaram um "parabéns a você" a uma das meninas. O coro, é claro, foi acompanhado por todos que estavam no restaurante.

Finalizado o canto, cada um voltou para as suas respectivas conversas paralelas. Notei que dois deles olhavam para a parede de quadros na sua frente e tentavam reconhecer os rostos famosos que estavam ali.

– Aquele lá é o Tim Maia e quem?

– É o Jorge Ben Jor, pô.

– Bah, é verdade.

– Esses dias eu até tava vendo uma versão ao vivo de Fio Maravilha. Com "Fio" mesmo. Nem sabia que podia.

– Mas depois que o cara morre não é tranquilo tocar a música como ela era originalmente?

– Mas o Fio Maravilha morreu?

– Não sei.

Eu também não sei, mas fui pesquisar: não morreu. Mesmo assim, acho que a questão não seria tão simples. E, além disso, parece que a história entre Jorge Ben Jor e Fio Maravilha não foi bem assim, com tretas e processos. Enfim. Meu suco finalmente chegou, e eu retornei à realidade, que naquele momento era bisbilhotar a vida dos outros.

Voltei a atenção para a mesa que estava do meu outro lado, mais à direita. Nela, dois amigos estavam conversando sobre os acontecimentos de uma festa do último fim de semana. Provavelmente era alguma das várias que acontecem semanalmente na Cidade Baixa mesmo. Cucko? Nuvem? Sei lá, mas era por ali, até porque eles mencionaram que depois da festa foram em um bar 24h na Lima e Silva.

– Quase perdi um brinco lá. De novo.

– Era só o que faltava, né?

– Dessa vez, eu senti que ele caiu e já olhei direto pro chão para procurar. Aí, em seguida, consegui pegar de volta e botar de novo.

– Meu Deus, aquele chão tava imundo. Não perdeu o brinco, mas tomara que tu não perca a orelha também.

Pelo jeito, o rolê foi animado. É bom saber que a realidade boêmia ainda se mantém viva por ali. Seja nas festas, seja nos ba-

res. Seja no trabalho, seja na vadiagem. É a música, o encontro, a alegria, a cerveja.

Eu tinha a impressão de que, ultimamente, as polícias tinham virado as frequentadoras do bairro, e olha que elas não parecem ser muito amigas da gurizada. Vai saber. De repente perceberam que ali é um bom lugar pra curtir a noite nos fins de semana, até porque os estabelecimentos estão cada vez maiores, e os projetos de novos empreendimentos não param. Se bem que eu ouvi dizer que na região do Quarto Distrito também. Talvez elas devessem conferir.

Eu mesmo não tenho aproveitado muito a Cidade Baixa, apesar de, hoje, trabalhar bem perto dela. Para mim, é muito mais um local de passagem do que de curtição, de encontros, bebedeiras. Pena. Era bom.

Terminei de comer, me levantei e fui pagar a conta.

– É o combo com bebida?
– Isso.
– Deu R$ 30.
– No crédito.

Já era 12h40min. Fui embora a pé para o trabalho.

CIDADE BAIXA

PASSEIO INDIVIDUAL

Ted → 2 anos
↳ esquina da José do Patrocínio c/ a Venâncio

- Qual o teu nome?
- Joel; e o teu?
- Fernando?

CACHORRO TED

Escola de música onde o Joel conheceu o Fernando (R. da República, 1301)

Lance de sorte na CB

Um dos bairros mais boêmios de Porto Alegre é também um dos que mais abriga estabelecimentos: cafés, lojas de roupas, antiquários, brechós e, claro, restaurantes. As opções são fartas para quem visita a Cidade Baixa durante o dia; mas e à noite? O que atende as pessoas que saem esfomeadas das festas e bares do bairro?

Ao pensar um pouco na questão, um nome vem à mente: Cavanhas. O clássico da CB, com mais de três décadas de existência, começou em um ponto alugado na avenida Loureiro da Silva, número 1696. Foi lá que encontrei Luiz Paulo Sturmer, conhecido pelos clientes apenas como "Paulo", para conversar. Paulo é um dos sócios do Cavanhas e deu o pontapé inicial no negócio em 1984.

Na chegada ao número 1696, por volta das 13h de uma sexta-feira, o empreendedor me recepcionou com um sorriso no rosto e logo perguntou "Será que podemos esperar um pouco para a entrevista? Estou na correria do almoço ainda". Como eu mesma ainda não tinha almoçado, respondi prontamente que não havia problema e que, inclusive, gostaria de fazer um pedido para o almoço.

Entre Paulo retirar meu pedido, no segundo andar do estabelecimento, e meu xis vegetariano com batatas chegar, se passaram cerca de 15 minutos – agilidade típica do Cavanhas. Nesse tempo, as pessoas das quatro mesas ao meu redor saíram e outras che-

garam. As mesas do Cavanhas nunca ficam sozinhas por muito tempo. Esse entra e sai de gente era acompanhado pelo vai e vem de funcionários que tiravam pedidos, traziam comidas e bebidas e retiravam os pratos vazios.

Quando recebi meu almoço das mãos de Paulo, ele me perguntou se eu gostaria de maionese para acompanhar, e respondi com um entusiasmado "Claro!", pois seria quase um crime recusar a maionese do Cavanhas. Meio xis foi o suficiente para me deixar satisfeita, e o restante foi embrulhado para levar. Após ver que minha comida estava na embalagem, Paulo se aproximou da minha mesa e perguntou "Podemos?", então iniciamos a nossa conversa pelo início: como começou o Cavanhas.

Começando pelo início

"No começo trabalhava eu e uma cunhada minha, e a gente trabalhava muito tempo pra não ganhar quase nada. Depois foi indo. Devagarinho as coisas foram melhorando", conta Paulo, que logo passou a contar com a ajuda de seus dois irmãos no negócio, que ia crescendo e atraindo cada vez mais clientes. "Claro que quando tu começa uma coisa, tu não pensa pra que lado vai, como é que vai ser, enfim, tu quer vencer naquele momento", conta Paulo.

Mas com um trabalho bem feito e clientes satisfeitos, o sucesso não tardou em chegar. O sócio conta que o restaurante na Loureiro começou a ficar pequeno, pois era muita demanda e pouco

espaço físico para atendimento. Além disso, Paulo relata que os sócios ficaram com receio de atender mal seus clientes, pois eram muitas pessoas para poucos trabalhadores. O empresário comentou que um cliente mal atendido não significa só um, mas uma cadeia de pessoas que vem depois dele, que ouve as histórias sobre o local. "A gente começou a ter sucesso, mas levou anos para abrir outra loja, foi aí que abrimos na Lima e Silva", conta. O primeiro restaurante a abrir na rua foi no número 373; depois, a Lima ainda passaria a contar com um segundo Cavanhas, no 274.

Crescimento na CB

"A Cidade Baixa tem bastante movimento. E ali sempre tem espaço para todo mundo. Aí a gente abriu mais uma loja também na Lima e Silva, que também se mantém até hoje. E, depois, fomos para a Barão do Amazonas. Depois, para a Assis Brasil, só que a Assis Brasil hoje não é mais do Cavanhas, ela é uma franqueada do Cavanhas."

Sobre a relação com a CB, o empreendedor afirma que o bairro e as pessoas os receberam muito bem desde o começo, o que contribuiu para o sucesso e consolidação do Cavanhas como um dos restaurantes mais característicos do bairro. Na saída de bares e de festas, todos sabem que o Cavanhas estará aberto para recebê-los. "O último bar a fechar é às 5h, o da Lima e Silva. Mas a gente sabe que se ficar até às 6h30min, 7h, vai estar movimentado", diz Paulo.

Nomes inovadores

Já sobre os nomes dos pratos: Xis GreNal, Xis Cavanhas, Xis do Gordo, entre outros, Paulo explica que as denominações vieram da relação próxima que o restaurante criou com sua clientela, que sugeriu os nomes. Nessa parte, percebo que parece uma relação de afeto dos dois lados, dos clientes, que gostam do restaurante e das pessoas que trabalham nele, e do empreendedor com as pessoas que frequentam o local. Esse é o tópico de que Paulo fala com mais animação. Mesmo os gestos e os movimentos de corpo presentes em toda sua fala, é falando sobre gente que o sorriso fica mais aberto em seu rosto.

O próprio nome do restaurante vem de características de Paulo. O empreendedor ostentava um cavanhaque na década de 80, de onde surgiu o nome do local e no qual foi inspirado o simpático boneco da conhecida logomarca: um garçom correndo com uma bandeja com xis, batatas e cerveja. O site do Cavanhas destaca que a representação tem ligação com a "alegria de receber bem e servir com qualidade".

Na sequência, falamos sobre o estilo único do Cavanhas de servir o xis com a batatinha por cima do hambúrguer. Apesar de ser um traço característico e parecer feito de caso pensado, Paulo conta que o empratamento veio ao acaso, em um dia de muito movimento no restaurante, quando não havia mais pratos para colocar as batatas e os xis separadamente. "Foi um lance de sorte. E negócio, além de ter competência, tu tem que ter sorte. É aquela coisa de estar no lugar certo na hora certa, isso é real", destaca o sócio.

Relação com os clientes

Ainda sobre o contato com os clientes, Paulo explica que, atualmente, não tem estado tanto presencialmente nos restaurantes, mas que está quando pode, e é conhecido pelo nome, assim como conhece de modo pessoal algumas das pessoas que atende. “Hoje estou meio afastado, apesar de estar aqui sempre trabalhando. À noite, por exemplo, eu quase não fico. Mas tenho uma relação de muitos amigos. Eu até brinco, às vezes, que se eu fosse candidato a alguma coisa, eu ia só dizer “votem em mim”, que eu acho que eu ia conseguir me eleger, porque tenho muitos conhecidos”, fala Paulo em meio a risadas.

Muitos desses colegas, amigos e conhecidos, destaca o empreendedor, têm relação com a proximidade dos restaurantes dos estádios. Apesar da mudança da casa tricolor do Estádio Olímpico para a Arena, o que afastou um pouco a torcida da Cidade Baixa e adjacências, o futebol está muito presente no cotidiano porto-alegrense e gaúcho – sendo que muitos clientes vêm de outras partes do Estado assistir aos jogos da dupla GreNal e tem o Cavanhas como parada obrigatória.

Futuro do Cavanhas

O sócio, hoje, conta com a ajuda do filho para auxiliar nas questões tecnológicas que agora estão envolvidas na gestão de um restaurante. Quando o Cavanhas surgiu, não se pensava que te-

riam que lidar com aplicativos, celulares, entregadores terceirizados. A relação com o cliente era presencial, não mediada por uma tela. Com as novas demandas, Paulo, que recém completou 60 anos, vê que a nova geração será essencial para a continuidade do sucesso do local. "Eu até vou e brinco um pouquinho, mas que nem agora meio dia, a gente se apertou. Se ele não está aí, tragédia, porque é muito pedido de WhatsApp, e isso te tira muito tempo", completa o empreendedor.

Com um silêncio da parte dele e meu, finalizamos a troca, e Paulo se colocou à disposição para o que mais fosse preciso. Rapidamente, desceu para continuar o dia de trabalho. Quando cheguei para fazer o pagamento, já estava na cozinha. Saiu por uns minutos apenas para fazermos uma foto sua em frente à logo do Cavanhas – com o boneco que já não lembra mais tanto assim suas feições; mas ficarão eternizadas na memória e história do restaurante como sendo uma referência a Paulo e seu cavanhaque, da década de 80.

Da nossa conversa, um trecho em que Paulo fala sobre a relação da Cidade Baixa com o Cavanhas me fisgou pessoalmente e, ao ouvir o material para redigir esse texto, se confirmou ainda mais: "A Cidade Baixa é uma referência. Pode ver que muita coisa abre, é Embarcadero, Quarto Distrito, enfim, mas a Cidade Baixa se mantém". A fala do empresário traduz o que, há anos, acontece no bairro, a resistência, a vontade de continuar, de cuidar daquilo que um dia foi, mesmo em meio a tantas mudanças.

· 11hora
↳ Praça garibaldi
↳ Repleta de casas populares

· Projeto Renascença
↳ Canalização do Dilúvio
↳ Realocação das pessoas p/ a Restinga (velha)
↳ 1960
↳ A Ipiranga ficou reta por conta disso

· Liga da Canela Preta - 1910
↳ El a enchente de 41 os docs se perderam

· Tesourinha
↳ 1º jogador negro do grêmio
↳ Também jogou no Inter

· Redenção
↳ Campos da várzea
↳ Passou pelo paisagismo nos 100 anos da guerra dos Farrapos
↳ O Araújo era onde ficava a ALRS
↳ mudou p/ a Redenção em 1964 - céu aberto

· POA foi a 1ª cidade a ter plano diretor - 1914

O impulso da doação como princípio de vida

Laura Fassina

Às 8h30min de um sábado, na pista de skate do Viaduto Brooklyn, uma fita zebrada em amarelo e preto demarca o território. Para entrar, só de luva, touca e máscara, são as diretrizes pós-pandemia. As pessoas vão chegando com potes e bacias de massa, arroz e feijão, até mesmo com alguns potes de bolo. Muitas mãos vão cortando as salsichas, as berinjelas, os salsichões, mas outras passam longe da cebola.

Panela no fogo e essa comida ganha cheiro. Júnior, um rapaz com uma bandana vermelha e luvas pretas, mexe um caldeirão de macarrão parafuso com molho, se posicionando no comando da cozinha. Com um bloquinho na mão e uma pochete na cintura, Ângela sai recolhendo nomes e delegando tarefas. Os dois se juntam a uma mulher loira com cara de preocupada, Mari, e decidem que está na hora de servir.

Todo mundo para o que está fazendo. Todos de pé. Uma roda é feita em volta de uma mulher corpulenta e baixinha. É Rose A. P. Carvalho, uma das fundadoras da instituição beneficente PF das Ruas que serve cerca de 1500 marmitas por sábado e reúne hoje 15 voluntários presentes, que, nesse instante, a ouvem. Ela agradece e destaca a importância da participação de todos para que a ação aconteça. E se emociona.

Mas em 27 de agosto de 2016, tudo foi diferente. No mesmo lugar, apenas cinco pessoas estavam presentes. O esforço dos voluntários produziu 50 pratos de comida quente. O movimento

criado, naquele dia, foi fruto de um grupo reunido por Rose. Uma ação que se sustenta por sua rede de amigos e coordenadores, sobretudo, por aquilo que ela representa: honestidade e uma vontade incessante de ajudar ao próximo.

A dádiva na vida de Rose

Rose é emotiva, mas não é fácil de atingir. Quando criança, era conhecida por acabar em brigas na escola. "Não, eu me sirvo, não quero que ninguém me sirva", dizia Rose aos três anos. Nascida na zona leste de Porto Alegre, teve uma criação rígida, daquelas que tinha que pedir "benção tio, benção padrinho". Aos nove, já pegava seu banquinho para alcançar a pia e lavar a louça. Cuidava do irmão, lavava e cozinhava, enquanto a mãe bordava e costurava.

Seu pai era brigadiano e, para complementar a renda, trabalhava como taxista nas horas vagas. "Que horas vagas?", brincavam ela e os irmãos. Da meia noite às 6h rodava com o carro e às 8h ia para o quartel. Uma rotina cansativa, assim como hoje tem sua filha. Formada em Administração, a analista de crédito de 48 anos tem dores na coluna e não pode mais trabalhar, mas a cabeça não descansa. "Sou projeto PF de segunda a domingo, eu estou o tempo inteiro respirando e pensando em PF das Ruas".

Essa ânsia por compartilhar com outras pessoas foi desenvolvida no berço familiar. De origem humilde, ela entendeu que teria que dividir quase tudo com seus irmãos. Seu maior exemplo foi o

pai que, mesmo com pouco, doava a quem passava na rua e pedia um pedaço de pão. A partir dos 20 anos, Rose expandiu o caminho da dádiva ao lado de Fábio, seu marido. "Casei com ele aos 20 anos. Então, ele sempre me acompanhou, desde essa época a gente saía para entregar comida na rua."

Quando saíam a lazer para almoçar, pediam para embrulhar e fazer uma doação, mesmo que singela, na volta do caminho para casa. Iniciou o voluntariado no Instituto Espírita Dias da Cruz, onde conheceu sua religião e entendeu mais sobre a preparação de alimentos. Logo depois, esteve envolvida na ONG 101 Vira-Latas, oferecendo carinho e atenção a cães abandonados.

Dar de comer às crianças do Lar de Santo Antônio dos Excepcionais foi uma das tarefas mais difíceis da vida de Rose. "Lá eu custei para ir, porque não tinha estrutura emocional. Eu me emocionava, você já deve ter percebido que eu choro com facilidade." Da porta, ela olhava seu marido brincar e conversar com os pequenos, mas aos poucos foi se aproximando e se conectando.

O ínicio do PF das Ruas

Com alguns anos de experiência no voluntariado, Rose sentiu a necessidade de organizar uma ação nas ruas. Com o visível aumento de pessoas em situação de vulnerabilidade, ela reuniu uma rede de amigos. Em conjunto, pensaram as bases do movimento e como ele não deveria estar atrelado a nenhuma religião, precon-

ceito ou partido político. Após sete anos, esse ideal ainda vive e está presente em cada marmita doada.

Sempre à procura por comida, ou por preços mais baixos quando falta doação, Rose faz de tudo para chegar na sexta-feira e conseguir bater a meta da quantidade de alimentos. “Sexta já recebo uma adrenalina, uma injeção motivacional. Eu posso estar com dor na coluna (o que é recorrente) e dor de cabeça, mas na sexta-feira, eu sou uma guriazinha de 15 anos. Tudo que falta na sexta de tarde, eu faço. Se alguém mora perto e não pode levar os produtos, então eu busco.[...] Eu tô sempre correndo atrás de comida, porque quando falta, dói o coração. ”

No dia da ação, ela é a primeira a chegar e a última a sair, junto com seus fiéis escudeiros Júnior, Ângela e Mari, além de Jane, afastada por problemas médicos. Quando sobra marmita, Rose recolhe e coloca tudo no carro com ajuda do marido. Ela, o esposo e Júnior saem pelas ruas distribuindo o restante e encontram muitos conhecidos. “Eu saio dali, dou uma volta no centro. Faço a Praça da Matriz, depois desço pelo Venâncio em direção ao Menino Deus, pego a Getúlio e vou fazendo zigue-zague.”

Dentro do carro, sempre tem alguma doação a mais, um agasalho,uma coberta ou um bombom. Em troca de comida, uma conversa. “Eu já conheço as pessoas. Tem o Maicon, os irmãos (cravinhos) e a Laurinha. Eu já conheço o nome das pessoas, pergunto qual o nome, qual a história.”

– Oi Maicon, Michael Jackson! – Com certa intimidade, chama a atenção para alcançar a marmita. “De vez em quando, ele pede um chinelinho, eu anoto e corro atrás. Tento buscar um chinelo, meia, tênis ou uma calça. As meninas pedem muita coisa íntima, absorvente e desodorante.”

A recepção dos assistidos é sempre de alegria, quando o carro de Rose faz a curva na rua, já sabem que o almoço está garantido. Ela se esforça para atender a todos, até mesmo quando está na hora de ir embora. “A nossa Páscoa foi um mix de tristeza e alegria, foi de tudo. Tinha muita comida. [...] Não conseguíamos ir embora, porque tinha muita panela para lavar e não tinha mais comida. Daí começou a surgir gente. Começaram a surgir pessoas com crianças e tinha uns 10 voluntários dentro da sede fazendo a limpeza.”

Ela não aguentou.

– Júnior te vira, a gente vai fazer uma massa e inventar alguma coisa – Foi um improviso. “Eu não vou sair daqui em plena Páscoa. Como que eu ia me sentir bem comendo no domingo? Sabendo que, no dia anterior, eu deixei as pessoas passarem fome. Eu engasgo, eu não consigo.” Formou-se uma fila de 10 pessoas atrás da faixa, depois de 15 minutos já eram 30 assistidos. Com a felicidade vem a cantoria, todos cantavam. “O que é a Páscoa, se não a multiplicação.”

O senhor de uma Cidade Baixa

Ela tem muitas histórias para contar, algumas de superação e outras de incredulidade. “ Eu pego pessoas dentro da lata de lixo. Tu sabe o que é isso? Tu vê as pernas da pessoa, para e diz: ‘oi amigo, já almoçou?’. Ele te olha e diz ‘não’ e vem pra ti sem acreditar. As pessoas não acreditam, ‘eu vou ganhar uma comida?’”. Em uma dessas rondas de entregas na Cidade Baixa, Rose relata um caso comovente:

“Tinha um senhorzinho na esquina da Venâncio com a Lima e Silva. Era um velhinho sujo, barbudo, que as pessoas estavam desviando. Eu vou na frente e meu marido vai dirigindo. Eu distribuo os agregados, bolacha, meia, manta, chocolate e o Júnior vai no banco de trás entregando marmita e água. E esse senhor deveria ter mais de 70 anos, pela aparência. Tava sentadinho e olhando para baixo. A gente estacionou, o Júnior desceu:

– O senhor já almoçou? – colando a mão no ombro do homem sentado – Quer uma marmita?

– Ãhn? – ficou parado sem entender. O Júnior pensou que ele era surdo e gritou:

– O senhor está com fome? Quer almoçar?

– O senhor é Jesus? – O Júnior não entendeu .

– Não, eu sou o Júnior. Sou do grupo do PF que entrega comida, o senhor quer uma comida?’

– Jesus?

– Não, eu não sou Jesus, sou o Júnior – disse rindo.

– Mas eu acabei de rezar pra Jesus, porque eu tava com fome. Eu to há três dias sem comer, eu não aguentava mais de fome. Eu rezei pra Jesus pra me mandar um prato de comida, eu abri os olhos e tu tava aqui na minha frente."

O conflito com o bairro

No entanto, não são só esses momentos emocionantes como esse que Rose vivencia. "Querem nos tirar dali". As mãos que acalentam e saciam a fome de muitos moradores do bairro são associadas à marginalidade. A Cidade Baixa não colabora com a permanência do movimento no viaduto e faz questão de chamar a polícia quando algo os incomoda.

"Já tivemos várias discussões com pessoas que moram no prédio da sede. Eu sempre tento me colocar no lugar do outro. Essas pessoas que moram ali pagam aluguel caro. Quem tem condições de pagar um aluguel desses não quer descer no sábado e dar de cara com um monte de morador de rua." A situação se complica quando há relatos de assalto após a entrega de marmita e a limpeza completa que os voluntários fazem todos os sábados.

"Porque quando saímos ficam pessoas dormindo lá e, de vez em quando, tem assalto, infelizmente. Tem uma associação da Cidade Baixa que tem muita gente forte como promotores e juízes. E essas pessoas estão bem incomodadas, porque na cabeça deles

o PF é o culpado pelo 'juntamento de marginais', esse é o texto que eu recebo. Antes de ir para o viaduto já existia um ponto de drogas. Depois dos casos de assaltos, há dois ou três meses, essa associação conseguiu que a Brigada fizesse rondas todos os sábados. Associam o PF com marginalidade."

Rose sabe que esse discurso existe, mas que não corresponde aos fatos. Ela conhece as pessoas que assiste e está sempre disposta a conversar com quem procura ajuda. Metódica, procura antever tudo, desde o modo de servir a comida até a organização da fila, nem mesmo o local da ação foi escolhido sem uma estratégia.

Perto do Brooklyn, outro viaduto, o da Borges é um ponto central de encontro daqueles que necessitam de atenção. Com a pandemia, o perfil de pessoas assistidas aumentou e ficou diferente. Hoje, o lugar consegue alcançar dependentes químicos, papeleiros, profissionais do sexo, entregadores de comida, até professores, além das pessoas que não conseguem mais pagar o aluguel. "Um lugar onde se encontram mais pessoas em situação de rua. O viaduto fica na transição entre a Usina do Gasômetro e a Redenção, e a gente precisava de um lugar coberto. Porque mesmo em dia de chuva, as pessoas também sentem fome."

1º Quilombo urbano do país.

9 Quilombos.

Rose, perguntas:

• Em que bairro mora atualmente?

• Em q cidade/bairro nasceu e como foi a juventude, a escola (como era a Rose criança, adolescente)

• Como foi a relação com os estudos depois da escola continuou o estudo ou foi trabalhar?

• Como e porquê o PF surgiu, como você colaborou para que ele surgisse?

• Pode contar como foi o dia que você botou "a mão na massa", partiu para ação e os primeiros dias de funcionamento do PF?

• Pode descrever como você se prepara e organiza tudo durante a semana p/ que no sábado dê tudo certo?

• Como é um sábado típico da Rose no PF?

• Por que o PF se situa no viaduto do Brooklyn?

• Como é o relacionamento com a vizinhança?

João sem foto, sem nome

Manhã nublada do dia 5 de setembro, segunda-feira. É a quarta vez que estou caminhando pela Cidade Baixa em busca de alguém que queira falar e contar sua história para esse livro. Todas as tentativas anteriores foram frustradas, com os abordados justificando a recusa por "n" razões: "tenho vergonha, não tenho tempo, não gosto de tirar fotos" estão entre as mais recorrentes.

Estou na Lopo Gonçalves, já passando dos sobrados em fita. Vejo saindo, da Travessa dos Venezianos, um carrinho de recicláveis lotado, puxado por um senhor que parece ter seus 50 anos. Identifiquei aquele catador de recicláveis como sendo um possível "alvo perfeito". Meu objetivo era falar com ambulantes da "infame CB" e, após tantas tentativas, ele parece ser o certo.

Me aproximo, explico meu trabalho e ele logo se põe em posição defensiva. "Desculpa, mas não quero falar", diz o senhor. Eu insisto, explico a situação e ele topa falar. Mas sob condições específicas, que até eu achei estranhas: "Tá bom, eu converso contigo. Mas sem foto minha, nem do carrinho e sem meu nome, beleza?"

Logicamente, lembrei dos tantos outros que me negaram falar, mas algo nesse senhor me chamava atenção. Decidi prosseguir do mesmo jeito. Neste texto ele será chamado apenas de João (nome mais comum, impossível), respeitando seu desejo de falar em condição de anonimato. João também não quis dizer o porquê de não

querer revelar sua identidade e não ser registrado com a câmera do meu celular.

João diz ter 47 anos, nascido em alguma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, e alega morar na zona sul da capital gaúcha. Ele foge dos detalhes, e parece se "irritar" quando insisto, o que me faz recuar para não perdê-lo, afinal, foi o único que quis falar comigo, ainda que nessas condições. E ele deve ter seus próprios motivos para evitar essas minúcias que, de forma pura e simples, não são da minha conta.

Estamos sentados na Lopo, enquanto seu carrinho de sucatas repousa atrás de um carro. João pergunta se tenho água. Prontamente tiro uma garrafa de 500 ml da minha mochila e lhe dou, digo que pode ficar. Ele toma tudo rapidamente e joga no carrinho de forma ainda mais ligeira. "Tudo se aproveita. Teu lixo e o dos outros é o meu sustento e de vários por aí, sabia guri?", diz ele em tom de lição de moral. Eu respondo positivamente.

Então começa a contar um pouco de sua história. É catador desde os 20 anos, começou depois que sua mãe – cujo nome também recusa a revelar – faleceu de um ataque do coração. "Morro de saudade dela, sigo em frente esperando que um dia eu possa vê-la de novo, ao lado do nosso Senhor". Ele se define católico, fala que vai pouco às igrejas, mas garante que ora diariamente. Ao mencionar seu pai, responde que só o viu uma vez, e não gosta de falar dele. João diz que sequer sabe seu nome. "Mesmo que eu

quisesse te responder, não poderia. O pai, pra mim, é só fulano mesmo."

Pergunto se tem um santo favorito, ao que ele responde: "Santo Antônio, era o favorito da mãe". Coincidentemente, o nome do meu bairro, não muito longe da própria Cidade Baixa.

O catador conta que jamais se envolveu com drogas, mas que teve um "problema com a bebida". Seu vício pela "marvada, a canha, ou mé", como ele se refere à cachaça, com uma leve risada meio constrangida, lhe tirou tudo e o colocou na situação atual."Bah, é difícil irmão. A gente acha que tá bem, mas a verdade é que o álcool acaba com a gente. Olha onde eu tô. Vivo, mas catando lixo dos outros pra poder comer. E ainda tenho que levar tudo isso lá pra zona sul pra ganhar uns pilinha."

João está longe de seu destino final, o que me faz questioná-lo porque está na Cidade Baixa. A resposta me surpreendeu um pouco.

"Cara, eu gosto daqui, de verdade. Pessoal é gente boa e não é difícil conseguir um prato de boia ou uma água. Tá bom, de noite é foda, um baita salseiro né, tu sabe como é. Mas no geral é de boa. Mas também não venho muito, até porque é longe 'afu'". Rindo, ele completa: "Ainda tem esses latão que facilita pra mim catar meus lixo, né. O pessoal daqui também costuma separar os lixo direitinho, então eu só toco tudo no carrinho e vou me embora mais tarde. Mas tem que chegar antes do caminhão do lixo."

João conta que, no retorno à Zona Sul, também vai enchendo o carrinho. Naquela manhã, o "veículo" já estava bem cheio com três ou quatro sacolões de latinhas, garrafas de plástico (incluindo a minha) de vários tamanhos, uma televisão, um ventilador, vários potes de metal, alguns vidros, peças de computador, além de vários outros materiais no fundo que não consegui identificar, mas que ele diz serem recicláveis, principalmente metais e plásticos. João não tem ideia de quanto aquilo tudo pesa, mas confessa que "pra puxar no lombo é brabo", reclamando das dores nas costas que os anos de catação pelas ruas de Porto Alegre lhe trouxeram. Afirma que só sabe quanto vai ganhar na hora de vender os materiais, num lugar que diz ser apenas uma sucata, novamente evitando os detalhes.

O catador pede para seguirmos caminhando. Pergunto se quer ajuda para empurrar o carrinho, ao que ele prontamente nega. Agora andando, em um passo até meio ligeiro, o anônimo João segue me contando sobre alguns causos que enfrentou na sua vida como catador.

"Cara, teve tanta coisa… Uma que eu nunca esqueço foi quando achei uma cobra no meio das coisas. Tava descarregando né, quando abri uma caixa o bicho tava lá enrolado. E vivo hein, não tava morto não, mano." Rindo, eu pergunto o que ele fez. Ele, também rindo, responde. "Saí correndo né meu, vou dar soco na cobra por acaso? Chamei os caras da sucata e eles resolveram a bronca. Tá loco! Agora eu sempre abro tudo antes de botar no

carrinho, pra ver se tem alguma coisa de valor ou pra ver se tem uma cobra, rato, qualquer bicho. Só gosto de gato e cachorro."

Embora esteja em uma situação evidentemente periférica, além da recusa em revelar detalhes mais pessoais, João é bem humorado. De um certo ponto em diante, passa a responder sorrindo mais, mostrando os dentes amarelos e alguns faltando. É um homem preto, com cerca de 1,85m, cabelo cacheado, pouca barba e porte mais magro. Usa chuteiras Diadora velhas, que diz ter achado na CB mesmo, num latão, uma semana antes do nosso encontro. "É ruim pra andar muito né, mas é o que tem. E de marca ainda, meu!" Além das chuteiras, veste uma bermuda jeans rasgada na lateral esquerda e uma camisa do Grêmio. Ele diz que tem mais roupas em sua residência na distante zona sul, e que deixa um espaço no carrinho na esperança de encontrar mais peças nas lixeiras.

Paramos mais adiante, ainda na Lopo Gonçalves. "Pera aí, deixa eu dar uma olhada ali". João interrompe nossa caminhada para investigar mais um dos vários contêiners de lixo. Para minha surpresa, ele encontra um morador dormindo dentro do entulho. Pede desculpas ao rapaz e seguimos. "Cara, de uns tempos pra cá ficou bem comum, mas não essas horas (por volta de 9h15min). Me pergunto se o caminhão do lixo já pegou um deles. Imagina que loucura! "

Mais cem metros adiante, já na esquina com a General Lima e Silva, ele para novamente em frente a outro latão e me pede aju-

da para segurar a tampa enquanto vasculha os materiais. Cinco minutos depois, volta com várias latinhas de cerveja e refrigerante, mais plásticos e algumas caixas de papelão. Novamente pede ajuda, dessa vez para amassar as latas, mais ou menos 15 ou 20 em uma contagem rápida. Juntamos tudo e colocamos no carrinho, seguimos adiante, virando à esquerda na rua que não está movimentada.

"Queria morar aqui um dia. Gosto daqui, como te falei aquela hora né. Tenho fé de que algum dia eu vou ter minha casinha aqui na Cidade Baixa mesmo. É tudo tão de boa, tu não acha?" Eu comento sobre o alto movimento em alguns horários, até mesmo mencionado por minha professora em outra caminhada pelo bairro.

"Ah meu, não me importo muito com isso (se referindo aos barulhos). Acho que até gosto um pouco. E mesmo com toda essa zoeira seria melhor que onde eu moro agora. Imagina andar um pouquinho e já cair na Redença (Parque Farroupilha), ou ali no Centro mesmo. Bastante gurizada também, fora que eu gosto de uma festinha, né."

De fato, o bairro, além de histórico, é justamente reconhecido por sua vida noturna. À noite, as ruas da popular CB lotam com centenas (talvez milhares) de jovens, público das várias casas de show que se tornaram marca registrada daquela região.

"E tu cara, não curte festa? Não curte a CB?", me pergunta João. Brevemente respondo que não costumo frequentar as festas,

mas que gosto do bairro e, assim como ele, gostaria de morar lá. "Tu tem mais chances que eu, meu", responde o catador, num tom mais de lamentação.

Eu e João agora estamos na rua Luiz Afonso, depois de andarmos em passo acelerado pela via que homenageia o militar revolucionário gaúcho. Ele volta à sua catação, observando alguns poucos sacos de lixo pela rua, além dos contêiners, encontrando mais latinhas e papelões.

"Bora, tem mais coisa pela frente. É Gabriel, né?" Pergunta o catador sobre meu nome, nos apressando em busca de mais recicláveis, seu sustento. Alguns momentos de silêncio, e eu pergunto se ele já achou algo de muito valor nesses quase 30 anos de catação. "Mano, já achei TV, rádio, caixa de som. Até um telefone, acho que um iPhone, mas tava baleado, bem ruinzinho. E eu não tinha dinheiro pra arrumar. Até passei numa loja, mas acho que deu uns 800 reais na época. No geral fica mais nisso. O melhor que eu achei foi um microondas que eu levei pra casa e dei um jeito de arrumar. Deu pro gasto!"

Mais um contêiner, mais algumas latinhas. Ele para também para urinar, ali mesmo na rua. Diz que não gosta mas é necessário, ao mesmo tempo em que afirma que pede para usar o banheiro de alguns comércios locais. "A maioria deixa, sabe que é pra eu não fazer na rua. Alguns me mandam embora mesmo. Paciência, né meu."

Já são quase 10h10min. Quando estou prestes a perguntar algo novamente para João, meu telefone toca. Minha avó, do outro lado, pede para que eu retorne, pois precisa de ajuda, mas não diz com o quê.

A rápida ligação, com menos um minuto, encerra minha conversa e caminhada de quase uma hora com João. Explico e ele se despede. "Vai lá meu, cuida da tua velha. E se cuida também. Valeu pelo papo, fica com Deus." Eu agradeço, respondo com um "igualmente" e dou meia volta para acudir minha avó.

Sem fotos e sem nome. Foi essa minha conversa com João.

Sobrados em fita

Casas germinadas

bairro popular

rua (relação do bairro)

arte

Antirracismo

Ballet infantil

Lavar a calçada

Capoeira

O “limítrofe” leitor da Cidade Baixa

Milton Ribeiro tem muitas responsabilidades enquanto dono da Bamboletras, tradicional livraria da Cidade Baixa. Quando se senta para iniciar a entrevista, na parte dos fundos da nova casa, é consultado pelos colegas de trabalho sobre questões de pagamento e de acordos com editoras. Responde rápido a essas tarefas rotineiras, mostrando naturalidade num ofício em que, até 2018, não imaginava exercer.

Balançando a perna, falando baixo e olhando para o horizonte, Milton Ribeiro relata uma história além da Bamboletras; que mistura sua mãe, a CB e o amor pela literatura. Fatores que influenciaram (direta ou indiretamente) sua mudança de jornalista para dono de uma das livrarias mais conhecidos de Porto Alegre.

A singular livraria do bairro

A história da Bamboletras iniciou em 1995, na rua da República, uma parceria entre a jornalista Lu Villela e Rejane Pivetta, que programaram um espaço voltado somente para o público infantil. Com o tempo, a livraria acabou agregando "todos os gêneros" e se mudou para o centro comercial da Nova Olaria. Milton relata que a troca para um espaço que abrigasse também o público adulto foi quase uma imposição dos pais, que gostavam de ir até à livraria com as crianças, adoravam o tratamento, e pediam determinados livros.

"Fiquei sabendo que a Lu queria vender e comecei a conversar com ela meio de brincadeira, porque eu não tinha uma proposta, muito menos uma proposta séria para ela", lembra Ribeiro, que ficou surpreso ao receber a notícia em 2018. Mais impressionado ainda quando a então dona da Bamboletras afirmou que venderia para ele, pelo afeto e comprometimento em manter a proposta original. Embora tenha recebido ofertas de grandes distribuidoras, Milton conta que a proprietária não aceitaria que um local singular se transformasse em "mais uma Saraiva".

"Eu praticamente sem dinheiro e ela facilitou a venda da livraria em mil parcelas", recorda com humor. Então, Milton mudou de profissão: de jornalista, tornou-se livreiro. Entretanto, essa transformação não foi nada fácil, pois dificuldades surgiram na nova empreitada exigindo dele disposição e um toque de perseverança.

A pandemia do coronavírus chegou e fez com que adaptações radicais fossem postas em prática rapidamente. Não foi diferente para a livraria Bamboletras, em que Milton e sua equipe tiveram de encontrar outros meios para vender os livros e manter a tradição da livraria de bairro: uma tarefa árdua. Porém, Milton algo pior do que a crise da pandemia o esperava: o fechamento do Nova Olaria para a construção de um condomínio de luxo.

Uma batalha incansável

Em 2022, a empresa que controla o Nova Olaria fez um acordo com a empreiteira Cyrela Goldstztein para revitalizar o antigo

centro comercial com a construção de duas torres no entorno do espaço. “Eles prometeram que poderíamos ficar até fevereiro de 2023, mas nesse meio tempo colocaram tapumes pretos no Nova Olaria”, relembra Milton, contando a frustração que foi chegar um dia e deparar-se com as placas de madeira, dando a aparência de que as lojas da galeria estariam fechadas. “Vocês querem nos matar?”, reclamou Ribeiro aos organizadores dessa revitalização, questionando as verdadeiras intenções que tinham no local.

No olhar de Milton se percebe a sua indignação quando fala sobre o acordo entre a empreiteira e o Nova Olaria. A voz embargada domina a narrativa desse período conturbado, que deu início a uma busca incessante por um lugar onde a Bamboletras pudesse resistir, depois de 23 anos de história em um dos pontos mais característicos da Cidade Baixa. A procura por uma nova casa contou com muita paciência, pois as visitas a lojas acompanhado de corretores de imóveis eram intermináveis e deixavam Milton “louco”.

Foi filho de Ribeiro quem abriu o caminho, ou pelo menos sugeriu o ponto perfeito para a nova casao: uma igreja protestante alemã desativada na avenida Venâncio Aires. Seria esse o novo endereço da Bamboletras? Milton pensava que não: ateu e cético, a opção do filho parecia uma ideia que beirava ao absurdo. Entre uma insistência e outra, foi convencido a visitar a igreja. E algumas vezes na vida, é maravilhoso estar errado.

A igreja dava conta de todas as questões que o preocupavam: o lançamento dos livros, as filas para autógrafos, além de aluguel

similar do Nova Olaria e um piso com bom acabamento. Decorada com vitrais coloridos, verde e rosa, a igreja conquistou o coração do dono da Bamboletras. O alívio de encontrar esse lugar é percebido no modo como Milton exalta a beleza do ambiente.

Entre os riscos e a insegurança de mudar de endereço, havia uma única certeza, dica de um amigo: se mudasse de bairro, a Bamboletras perderia características únicas e se tornaria outra livraria, teria que refazer sua história, começar de novo. Mudar de bairro era algo difícil de aceitar, para Milton. Após tantos anos frequentando a Cidade Baixa e, depois, trabalhando na região como livreiro, com uma clientela fiel procurando a próxima leitura, foi um tormento passar pelo medo de perder esses pequenos prazeres.

Teia de lembranças

"Eu sou um limítrofe". É dessa maneira que Milton classifica o relacionamento com a Cidade Baixa. Apesar de não ser morador do bairro, a Cidade Baixa é um espaço de sua vivência desde a infância. A família do livreiro morou na rua João Pessoa, e ele estudou no colégio Júlio de Castilhos. Logo, as atividades de lazer se concentraram na região, pois os amigos residiam na CB. As lembranças de Milton são marcadas pelo bairro com seus cinemas e bares, similar a um bilhete importante sobre algo que não podemos esquecer.

Outra memória que chega forte é motivo pelo qual decidiu se aventurar e administrar uma livraria: o amor pela literatura. Com

as mãos unidas e olhar baixo, Milton Ribeiro abre um sorriso tímido ao falar do papel da mãe como uma mulher que influenciou a literatura na vida dos filhos e que tinha como prioridade no ambiente familiar. A mãe foi uma adolescente que lia muito, mas perdeu o hábito da leitura; equilibrar o trabalho e o cuidado com a casa ocupava todo o seu tempo.

"O pai não ajudava em casa, ela fazia tudo, segurava a barra e fazia questão que eu e a minha irmã lêssemos muito, e mesmo não passando dificuldade, era tudo limitado, mas para efeito de compra de livros, ela dava o que a gente pedia", pondera Milton. Ele percebe sua formação como leitor atrelada à importância da leitura para a mãe. O olhar o conduz a um dos vitrais da nova sede da Bamboletras e ele narra como, todas as noites, a mãe pedia para que ele lesse uma história, e quando ela caía no sono, cansada, o filho, bem devagarinho, ia parando de ler… ou quando fazia perguntas sobre os livros que os filhos estavam lendo, tomando a lição deles.

Um homem apaixonado pela literatura que encontrou seu lugar de conforto depois de certas decepções com a profissão de jornalista, embora a respeite muito. Milton possui a complicada tarefa de empreender uma livraria respeitada e que não pertence a nenhuma grande distribuidora, em uma época em que a história da cidade vem sendo apagada por políticas que priorizam um modernismo exagerado. Contudo, essa odisseia é realizada com esforço, dedicação e respeito por um espaço que marca uma região da cidade.

Reconhecida pela cultura e boemia, tentam apagar da Cidade Baixa as características mais singulares de um bairro histórico. Felizmente, há gente que faz sua própria luta para manter esses espaços vivos. Sorte dos moradores de Porto Alegre que esse esforço de preservação e respeito permanece, mesmo com pessoas com muito poder fazendo pressão para desaparecer. Milton segue a linha de que precisamos batalhar para galgar os lugares que são da população por direito, resguardando o passado e se reinventando constantemente.

Enredo - ordem dos fatos

Discurso - como vou cont

narrar também é uma for
contecer.

. Crônica - Chronos - Te
Registrando a cidade pelo

"A crônica é o imprudent
em voz alta" - Rubem

criar elementos de ident
com a leitora.

- Unidade temática
- Concretude
- Clareza

" Diário de um paulista
Leonardo Antunes

Quem bebe na manhã da CB

Sentado em uma mesa de rua do bar ReiPública Lanches, localizado na esquina da José do Patrocínio com a República, estava um senhor corpulento, de olhos inchados, cabelos grisalhos e com a barba por fazer. Vestido com uma camisa polo azul escuro, um boné preto, uma bermuda jeans e um sapatênis marrom no pé, o homem parecia preparado para começar mais uma semana de poucas preocupações em sua vida, já que aproveitava tranquilamente a brisa e o calor daquela segunda-feira de primavera.

Às 11h da manhã, abriu o primeiro latão de cerveja. Uma Polar. Até aquele momento, estava apenas forrando o estômago com um café preto e um pastel, lanche que era acompanhado de um cigarro da marca Chesterfield (o azul).

O homem era Valdir, de 59 anos, e parecia feliz observando a rua e comentando sobre a vida com um outro cliente que estava sentado na mesa ao lado e também com o dono do estabelecimento.

– Sabe o que passou ontem aqui na rua? Um Sandero que eu vendi há uns sete anos. Nem acreditei. O cara parou bem aqui na frente com o carro e depois arrancou cantando pneu.

Seus comentários eram respondidos com um breve silêncio por parte dos ouvintes, que, em seguida, engatavam algum outro assunto que lhes fosse mais interessante. Mesmo assim, Valdir parecia sempre ter algo a dizer sobre qualquer pauta que era trazida para a discussão.

É daqueles personagens que fazem jus à canção de Alcione que dizia que "mesa de bar é lugar para tudo que é papo da vida rolar. Do futebol até a danada da tal da inflação". E não é por menos, já que, em poucos segundos, e demonstrando a sua capacidade de conversação, transformou a pauta sobre o jogo do Inter que aconteceria naquela semana em um assunto sobre a sua atual situação financeira.

– É verdade, quarta tem jogo. Quero só ver. Até seria bom fazer um churrasquinho pra acompanhar, mas tá tudo muito caro. Cartão é bom na hora de usar, mas depois tem que pagar, né. Da última vez, paguei R$ 2.355, e lá vai barão.

O dinheiro claramente era uma preocupação, mas não o suficiente para impedi-lo de marcar presença, em uma rotina quase diária, naquele lugar em que se sentia confortável para começar o dia tomando uma gelada com conhecidos e desconhecidos.

Ele estava no bar desde 10h da manhã. É o horário que costuma chegar. Normalmente, acorda pelas 8h no seu apartamento, localizado ali em frente, na José do Patrocínio, acende um cigarro e assiste ao noticiário na televisão enquanto espera o estabelecimento abrir e alguns clientes chegarem, até porque beber sozinho não é a mesma coisa, como ele próprio diz.

E não necessariamente está falando de cerveja. Durante o café, ele já estava animado com as companhias em sua volta. Para ele, o "beber sozinho" pode ser uma forma de dizer "estar sozinho",

afinal de contas, ir a um bar também significa ver pessoas, mesmo que sem um contato direto com elas. E ver pessoas se torna uma necessidade ainda maior para quem mora desacompanhado, o que era o caso de Valdir.

Mas a ideia não é dizer que ele é uma pessoa triste por isso. Pelo contrário. Ele é feliz e agradecido pela vida que tem: sem filhos e sem esposa. Até parece uma ironia, mas não é.

Ele tem os amigos do bar, os ambientes de descontração, as cervejas, o futebol, as histórias e o tempo. Tempo porque já está aposentado. Antes disso, trabalhou como bancário durante grande parte de sua vida. Tanto é que perdeu a conta de quantos anos foram, mas ele também não se atém muito a isso.

É um tempo que já foi, e trabalhar em bancos nunca foi uma paixão sua mesmo. Fez porque precisava, assim como todos nós trabalhamos porque precisamos. Na verdade, quando jovem, queria trabalhar na área de esportes. Mais precisamente na de futebol, só não sabia como, porque jogar ele não jogava bem.

Por fim, demorou a descobrir e, quando viu, já era tarde demais. A necessidade de ganhar dinheiro para se sustentar falou mais alto e ofuscou essa vontade. Hoje, vive da aposentadoria, que não é muita, e das brincadeiras com os trabalhadores do bar.

– Escuta, tu faz jogo do bicho nessa birosca? Um dia, eu vou ser bicheiro aqui e todo mundo vai jogar comigo, até tu.

É assim que ele toca a vida.

Valdir nasceu em Porto Alegre, em 1963, e morou até os 19 anos no bairro Santana com os seus pais, Vera e Roberto, e seu irmão mais velho, Vagner. Depois, se mudou para a Cidade Baixa sozinho, e ali encontrou diversos lares desde então. Nunca chegou a se casar, pelo menos não no papel. No máximo, morou alguns anos com uma namorada, Márcia, um relacionamento que acabou, segundo ele, porque: "já não tinha mais aquilo, sabe?". Sei.

Ele também nunca quis ter filhos. A vida boêmia sempre pareceu mais interessante, sem hora pra voltar e nem satisfação pra dar. E não é que fosse do tipo mulherengo, apenas gostava de passar horas conversando com amigos e tomando uma cerveja, do mesmo jeito que continua a fazer até hoje. Isso não o impede, no entanto, de sonhar com a sorte grande, ideia que ele compartilha, brincando, com o dono do estabelecimento.

– E na Mega Sena que eu acertei dois números. O resto foi tudo na aproximação. Imagina se eu ganho R$ 1 milhão? Com R$ 500 mil, eu já resolvia a minha vida, mas enfim. Cara, é o seguinte: vamo lá no Barranco tomar um gelo, eu e tu. Não pode ter medo de ser feliz.

Vai que um dia a vida decida premiá-lo por saber aproveitá-la à sua maneira. Acredito que seria um fechamento digno de uma boa história a ser contada.

29.01.22

C(or)B

A Cidade Baixa, ou CB para os mais chegados, é conhecida pela vida noturna mesmo por quem não é originalmente de Porto Alegre. O que é mais ou menos o meu caso. Mais ou menos porque nasci na capital mas desde sempre morei (ao menos antes de iniciar o curso de Jornalismo na UFRGS) em Charqueadas, cerca de 60 km de distância da metrópole. O primeiro contato que lembro de ter com a CB foi através da televisão, por meio do Jornal do Almoço, o jornal gaúcho conhecido por suas pautas deveras curiosas.

Não era raro o programa exibir matérias a respeito de algum evento ou junção de pessoas que acontecia no bairro, seja para abordar de forma negativa ou positiva. Assim, fui criando um imaginário de como seria esse pedaço tão referido da cidade e a percepção de que só existiam festas naquele lugar. Mesmo após começar a morar em Porto Alegre em 2019, frequentei a Cidade Baixa quase que exclusivamente no período noturno, quando ela "ganha vida", ao menos nessa pré-concepção.

Justamente pela rotina diária em que se está sempre indo de um lugar ao outro, não há tempo de parar e simplesmente andar (digo isso sabendo da contraposição dos termos), especialmente no meu caso que geralmente volto para casa nos finais de semana, o período mais propício para esta contemplação.

Os detalhes que são perdidos por conta desta falta de atenção aos arredores só são realmente recuperados quando tu diz para ti

mesmo: “hoje eu quero ver aquilo que ainda não percebi”. E, a partir dessa lógica, pude notar algo que nunca havia percebido na Cidade Baixa: a sua grande disposição de cores por entre as ruas. Seja percorrendo a José do Patrocínio, a rua da República ou a Lima e Silva, para mencionar algumas das vias mais conhecidas, o bairro possui uma característica muito presente que passa facilmente despercebida, especialmente quando ganha o movimento noturno.

Uma forma de contraste que me chamou a atenção é o que ocorre na Venâncio Aires, uma divisa da Cidade Baixa. Com o Bosque da Memória “Porto Alegre Viva”, feito em homenagem a vítimas da Covid-19, há um contraste entre o forte cinza que emana do asfalto e o verde do bosque que corta ao meio esse asfalto. Essa percepção é ainda mais forte ao se pensar que a principal cor que remete ao luto é o preto, colocado de lado nessa situação para dar lugar à vida que o verde das árvores e plantas proporcionam ao local. Com o crescimento dos ipês roxos plantados ali, só consigo imaginar que essa vida vai ficar ainda mais vibrante quando as árvores colorirem mais o local. O verde da natureza também se apresenta com bastante força na rua da República, na minha percepção a rua mais arborizada dentro do bairro, e que ajuda a criar um ambiente acolhedor no meio de todo o caos da cidade. Isso sem contar os murais que estão presentes em algumas paredes e muros por dentro da CB e trazem, nesse caso explicitamente, a vertente artística que compõe aqueles espaços.

A luz do dia, com o sol refletindo nas paredes, me fez notar que um bairro pode parecer um lugar completamente diferente quando se olha em um horário e com uma perspectiva diferente. Ao se somar o verde das árvores, o cinza do asfalto que divide os lados da calçada e os prédios e casas, que se alternam entre laranja, azul, vermelho, marrom e até mesmo preto, uma rua se torna uma aquarela, um trabalho artístico feito por inúmeras mãos e que merece ser admirado.

Separar e Reinar

Raquel Rolnik

Segregação Urbana

Segregação espacial → movimento de separação de classes sociais e funções

Cidade possui "fronteiras imaginárias"

↳ Pode ser uma rua ou apenas uma imagem um ponto.

Condomínios fechados - controle minucioso de trocas

Além de raça, classe ou faixa etária, separação trabalho e moradia

Bairros dormitórios

Desigualdade de tratamento das administrações

Cidade medieval não há separação entre o mundo do trabalho e da família

Editado em Baskerville
no inverno-primavera de 2022
na cidade de Porto Alegre.